

ILUSTRAÇÃO



Alcides Reis
1930

5.º ANO
NÚMERO 98

Lisboa, 16 de Janeiro de 1930

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Única colecção do género existente em língua portuguesa, e tão proficientemente organizada como as melhores que existem no estrangeiro, ela abrange tôdas as artes e officios. O seu último volume posto à venda é o

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista

- ■ -

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanta, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora publicados

- ■ -

Mais de 600 páginas e perto de 700 gravuras

OUTROS VOLUMES RECENTES:

FÍSICA ELEMENTAR

pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo o programa das Escolas Industriais

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE

de que é autor o ilustre prof. e pintor J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras encadernado em percalina, 40\$00

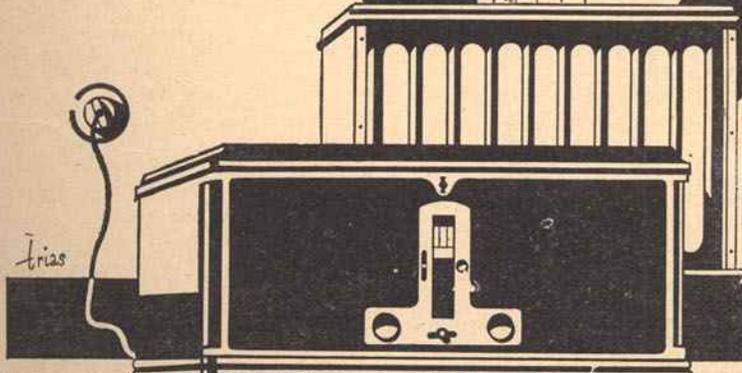
Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

RADIO TELEFUNKEN

O «NON PLUS ULTRA» DO «RADIO»

TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos; liga-se directamente à corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a tódas as casas de material de «rádio»



A mais antiga experiência

A mais moderna construção

TELEFUNKEN



SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

CHRYSLER

Sempre copiado, em desenho, em mecânica, em aparência, mas nunca igualado na suavidade, silêncio, rapidez de aceleração, eficácia de travagem e tantos outros predicados deste automóvel sem igual que proporciona um prazer ao seu condutor que não experimentou nem pode experimentar com nenhum outro carro.

CONSUMO DIMINUTO, DESPESA DE CONSERVAÇÃO NULA E RENDIMENTO

ELEVADO, SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERISTICAS DOS AUTOMÓVEIS

CHRYSLER E CHRYSLER-PLYMOUTH

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ILHAS
A. BEAUVALET

DISTRIBUIDOR PARA O NORTE
ANGEL BEAUVALET — PÓRTO

A CASA DE AUTOMOVEIS MAIS ANTIGA DO PAÍS



Um aspecto encantador,

apesar de toda e qualquer excitação nervosa, é o anhelho de toda a mulher. Mas a fatigante vida de sociedade, a lucta e as preocupações da vida dos nossos dias, não dão socego e affectam o systema nervoso. Este desassocego e nervosidade gravam-se sob a forma de rugas no rosto e dão a apparencia de cansaço e fadiga, de decrepitude, de velhice.

O pensar, o sentir e a actividade modernos exigem nervos socegados e fortes, para que se possam vencer as difficuldades da vida. Alguns

Comprimidos de

Adalina

dão essa normalidade aos nervos, a calma e a energia da mocidade. Os comprimidos de Adalina são um producto de confiança da Casa Bayer e ensaiado por milhares de medicos. Informe-se com o seu medico!

GRANDE NOVIDADE LITERARIA

O MAIOR EXITO DE LIVRARIA

AUGUSTO DE CASTRO

Socio efectivo da Academia
de Sciencias de Lisboa

NOVELAS

VENEZA
UMA NOITE

— E —

SOLAR DE FRADES

São duas notaveis novelas, em que, na mais bela prosa portuguesa, se faz a historia de três corações femininos

PREÇO 15\$00

À VENDA NA FILIAL DO

"DIARIO DE NOTICIAS"

LARGO DE TRINDADE COSTHO, 10 E 11
E nas outras livrarias

A CAMIONETE 6 CILINDROS CITROËN

PARA CARGA UTIL DE

1.800 KGS.

E OS CARROS UTILITARIOS

PARA CARGA UTIL DE

500 E 1.000 KGS.

são aplicáveis a todos os serviços
e satisfazem os desejos do
comerciante, do industrial
e do agricultor.

Pedir preços e mais detalhes a
AUTOMOVEIS CITROËN
S. A. P. R. L.

44, AV. DA LIBERDADE, 46

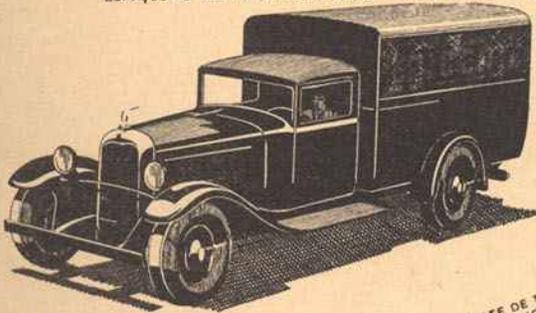
E A TODOS OS NOSSOS
AGENTES NO PAIZ



A CAMIONETE CARROSSERIE EM AÇO SEM TOLDO DE CARGA UTIL 1000 KILOS



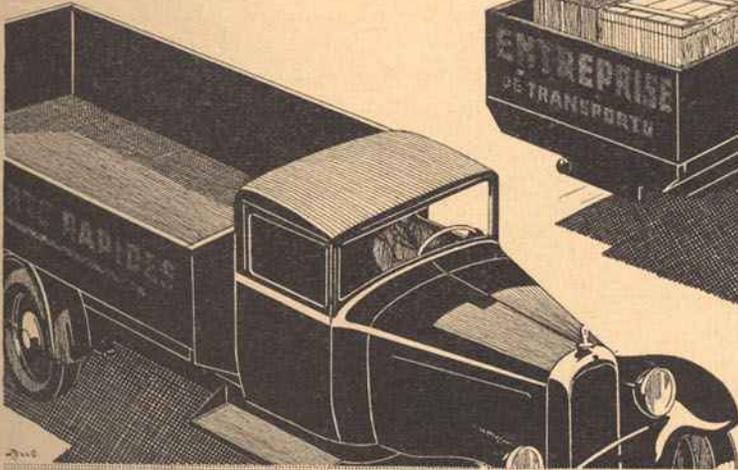
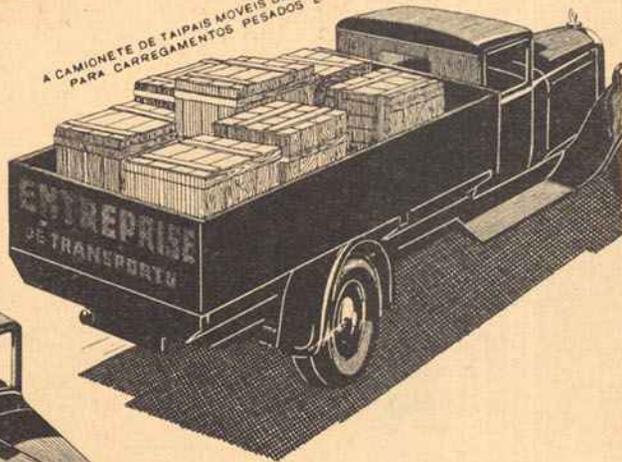
A CAMIONETE COM TOLDO PARA CARGA UTIL DE 1.800 KGS. ESPAÇOSA E PRÁTICA, UTILISÁVEL COM TODO O TEMPO



PARA OMNIBUS ABERTOS OU FECHADOS, BENNES BASCULANTES, AUTO-MACAS, ETC.

ENVIAM-SE TODOS OS DETALHES E CATALOGOS A PEDIDO DOS CLIENTES

A CAMIONETE DE TAÍPAIS MOVEIS DE CARGA UTIL 1.800 KGS. PARA CARREGAMENTOS PESADOS E VOLUMOSOS



NALLY

O IMAN DA BELEZA

**A
L
L
Y**

são perfumes da mais alta distinção!

sabe tornar a mulher bela, desejada e sedutora!

são produtos consagrados que se impõem absolutamente!

leva a magia e o encanto na adorável «finesse» das suas essências!

não receia confrontos com as grandes marcas de maior reputação universal!

irá apresentando sucessivamente as suas mais recentes criações!

tem fixadores exclusivamente seus, de surpreendente novidade e fantasia!

pode ser imitado na sua rotulagem ou embalagem, mas nunca na sua qualidade!

tem o segredo da atracção para o grande público, que quere dar a nota da elegância e distinção!

ULTIMA NOVIDADE - Gavotte de Nally: ESSÊNCIA (em frascos de luxo, a pêso e em tubos de estilete); PÓS DE ARROZ em caixa leque a 10\$00; redondas a 7\$00; quadradas a 3\$00; compacto a 10\$00 e 4\$00); CRÉME; LOÇÃO; BRILHANTINA; ÁGUA DE COLÓNIA.

Mostruário de essências de Nally, com 12 pequenos tubos, contendo 12 das mais escolhidas essências da NOVA SÉRIE, 13\$00!

Tôdas as essências de NALLY da NOVA SÉRIE, exactamente as mesmas que se vendem em luxuosos estojos e lindíssimos frascos, vendem-se também economicamente, A PÊSO, já em tubos de 5, 10 e 20 gramas, ou de estilete, para evitar falsificações.

Os produtos BENAMOR são fabricados segundo a técnica dos produtos NALLY e perfumados com as suas essências

Os PÓS DE ARROZ das marcas NALLY ou BENAMOR, cuja venda se pode considerar como um prodígio, tem a justificá-la a sua magestosa qualidade, aliada aos seus inimitáveis perfumes. São verdadeiros artigos de grande beleza, preparados com matérias primas e por processos que lhe trouxeram o triunfante êxito que nenhum fabricante, dos que melhor fabricam, conseguiu ainda suplantar.

Crèmes, Brilhantinas, Batons, Crayons, Rouges, Shampôos, Verniz e Contra-verniz para unhas, Pó para unhas, Depilatório, Loções, Água de Colónia, Sabonetes, Pasta e Elixir dentífrico, e (brevemente Tintura para cabelos)

que tenham qualquer das marcas NALLY e BENAMOR, dão à mulher moderna a máxima garantia de atingir o fim desejado: a saúde e a beleza da sua pele e a sedução do seu rosto!

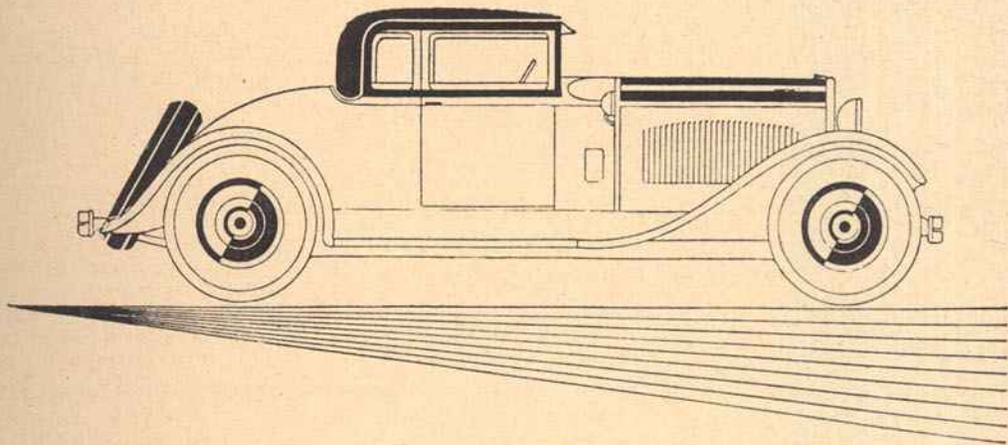
«NALLY» UM AMOR DE MARCA... QUE MARCA!

VENDE-SE NA

Secção de Perfumaria da EVA, Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

E EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS DO PAIS

Grandes velocidades



Grande reserva de força do seu poderoso motor de 6 cylindros.

Silencio absoluto das suas engrenagens, de dentes largos, e do seu eixo excepcionalmente reforçado. Nenhuma deslocação ou desconjuntura nem da armação nem dos paineis da sua esplendida carroserie inteiriça sem juntas.

A potencia, estabilidade e o conforto que tanto vos agradam na primeira vez que saís num Dodge Brothers Seis, serão da mesma forma evidentes depois do carro ter 3, 4 ou 5 anos de serviço.



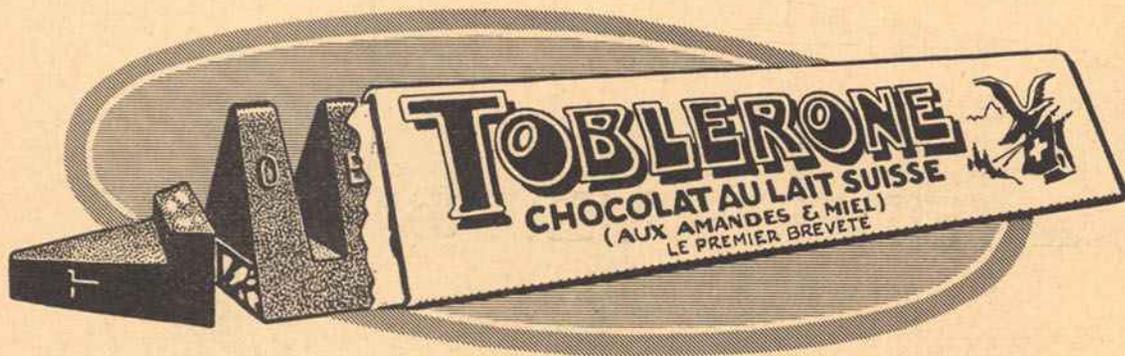
PRINCIPAES CARACTERISTICAS :
 Valvulas inclinadas. Embolos de liga de aluminio de dilataçào controlado por travessas de aço. Lubrificação forçada por bomba. Ventilação do deposito do oleo. Direção segura. Molas compridas que absorvem as trepidações. Assentos largos e profundos scientificamente delineados. Carrosserie directamente aparafusada ao chassis com um centro de gravidade bastante baixo.
 Travões hydraulicos de expansão interna suaves e seguros com qualquer tempo.

DODGE BROTHERS SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA., 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

Product of Chrysler Motors

CHOCOLATE DE LEITE SUISSO
COM MEL E AMENDOA



O MAIS SABOROSO
E NUTRITIVO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



RARE

Nada mais delicioso, mais suave,
mais perturbador e persistente
do que es perfumes RARE de
GELLE FRÈRES - PARIS

Linda apresentação.
Escolhei o que for mais do
vosso gosto :

Chypre - Narcisse - Rose - Violette
Lilas - Muguet - Hélio trope - Jasmin
Gillet.

**TODAS AS FLORES
TODOS OS PERFUMES.**

A venda em todas as boas Casas
AGENCIOS GERAIS STETTEN & C. Lda. 119, RUA DA MADALENA LISBOA

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

FABULAS E HISTORIETAS

DE

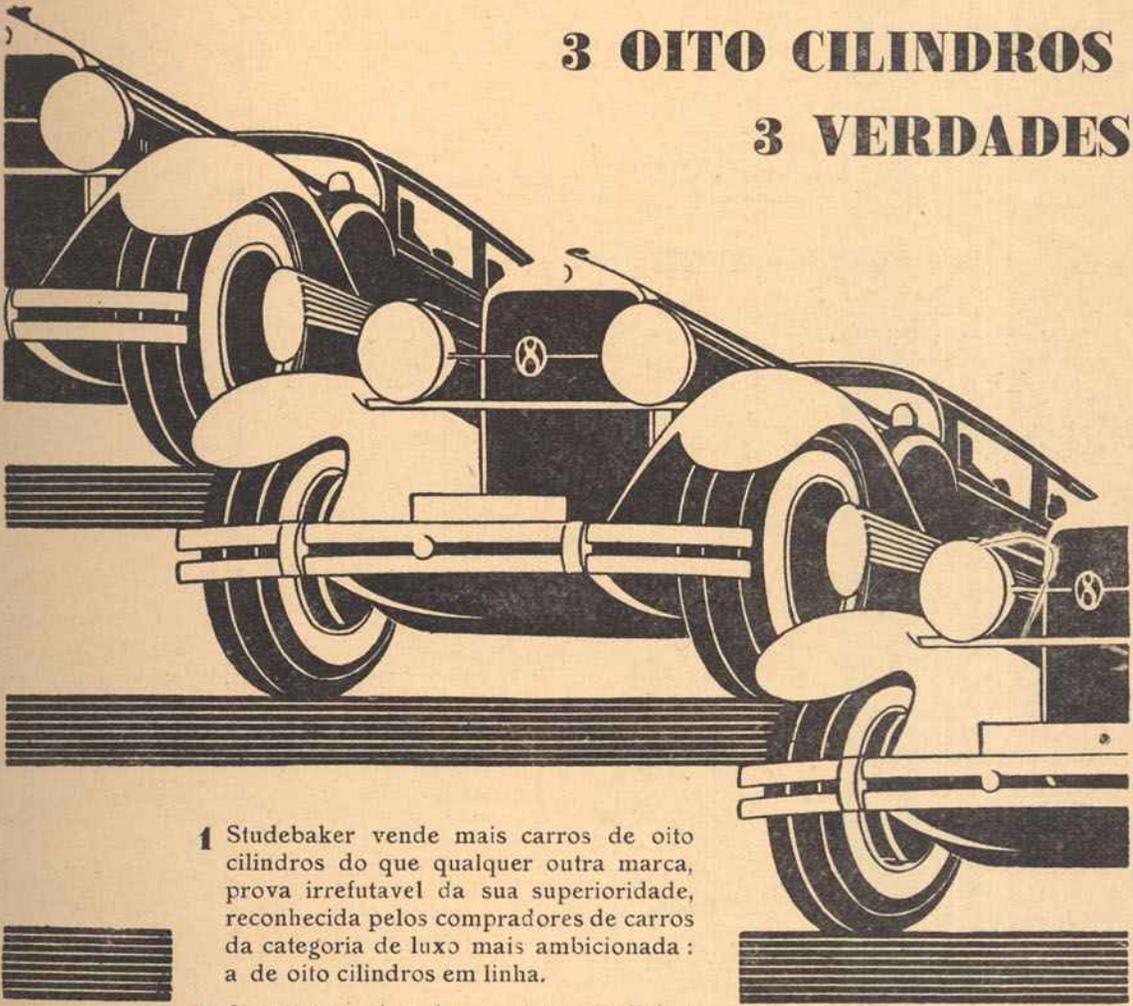
ACACIO DE PAIVA

É o livro que se recomenda
a todo o leitor miudinho: os
versos são de uma simplicida-
de encantadora e maravilho-
sas as ilustrações de Vasco
Lopes de Mendonça

PREÇO: 125500

A venda na Filial do «Diário de Notícias»,
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
e nas outras livrarias

3 OITO CILINDROS 3 VERDADES



- 1 Studebaker vende mais carros de oito cilindros do que qualquer outra marca, prova irrefutável da sua superioridade, reconhecida pelos compradores de carros da categoria de luxo mais ambicionada : a de oito cilindros em linha.
- 2 O estilo, as cores harmoniosas, as linhas elegantes do "Presidente", do "Comandante" e do "Dictator" Studebaker, fazem sobressair a sua supremacia sobre todas as marcas de automóveis.
- 3 PREÇO. A fábrica Studebaker bate o "récord" em valor, com estes trez 'oito cilindros', mais económicos no seu custo inicial e no da manutenção, do que muitos 'seis cilindros'.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LDA.

Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59

Porto : Praça da Liberdade - Edifício da Nacional.

A1SP30

STUDEBAKER

COMERCIANTES, IMPORTADORES VISITEM A FEIRA DE LEIPZIG

PRIMAVERA DE 1930, PRINCIPIANDO A 2 DE MARÇO



FABRICANTES

EXPONHAM AS VOSSAS AMOSTRAS
NA FEIRA DE LEIPZIG

AONDE EXPÕEM DEZ MIL FIRMAS DE 21 PAIZES!!



A praça do mercado em Leipzig com edifícios de reclame durante a Feira.



A vida nas ruas em Leipzig durante a Feira.

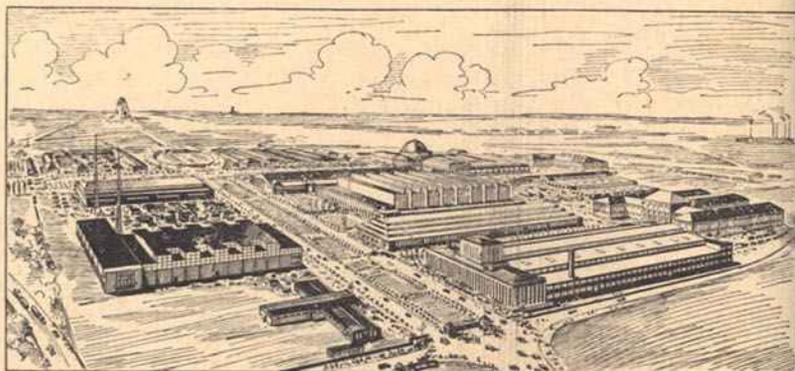
Todos os esclarecimentos dá na volta do correio o:

**LEIPZIGER MESSAMT,
LEIPZIG**

ou o seu representante honorario em Lisboa:

A. SCHMIDT

Praça dos Restauradores, 13



Os terrenos da Exposição da Grande Feira Técnica e de Construção Civil em Leipzig com os seus 17 Pavilhões

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Provisão)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 3.º — NÚMERO 98

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD, LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

16 DE JANEIRO DE 1930



EM CASAMENTO DE PRÍNCIPES. — ARQUIVAMOS NESTA PÁGINA QUATRO BELOS RETRATOS DO PRÍNCIPE HUMBERTO, FILHO DOS REIS DE ITÁLIA E DA PRINCESA MARIA JOSÉ, FILHA DOS SOBERANOS BELGAS, QUE ACABAM DE CONSORCIAR-SE COM RÉGIA POMPA NA CÔRTE ITALIANA. ALÉM DO FACTO, EM SI NOTÁVEL, DE LIGAR MAIS ESTREITAMENTE DUAS GRANDES NAÇÕES LATINAS ESTE CONSÓRCIO É CURIOSO PORQUE, SEGUNDO SE DIVULGOU POR TODO O MUNDO É O REMATE DUM IDÍLIO QUE PROVA QUE OS PRÍNCIPES... TAMBÉM AMAM

CRÓNICA DA QUINZENA

Com o início da quinzena, fêz, também, a sua entrada o novo ano. A meio dela, encerrou-se o período de festas que vai do Natal aos Reis: festas, com as da Páscoa, as mais características, as mais acentuadamente cristãs de todas as que se celebram pelo ano adiante, por esse mundo fora. Solenizam elas o nascimento e a infância de Cristo, como as da Páscoa, a sua morte e ressurreição.

No espírito da Igreja, e no interior dos templos, assim é; vistas, porém, nos costumes, as coisas mudam um pouco de figura: a dose do sentimento religioso que, hoje, anda ligada às festas do Natal e Páscoa, é bastante desigual. Nas da Páscoa, é fácil verificar, mesmo descontando o que há de postigo nas manifestações exteriores da religiosidade, a aderência, mais ou menos íntima, de uma vaga emoção transcendente. Nas do Natal aos Reis, a aderência é quasi nula; a emoção religiosa desprende-se, ficou, apenas, a emoção naturalista.

Vejam. Em primeiro lugar, a festa do Ano Novo: é uma festa que nada tem de especificamente cristã, uma festa que se celebrou, desde tempos imemoriais, em todas as nações do mundo, cristãs e não cristãs. As «boas festas», as «estrelas», os votos de felicidade, são uma herança de velhos cultos naturalistas. A rez sacrificada aos deuses para os tornar propícios, os presentes que mais tarde substituíram a rez, e que eram também enviados às pessoas de consideração, acham-se hoje reduzidos a um simples bilhete de visita: mensurável poder dos símbolos!

Agora, a festa própria do Natal, o dia 25 de Dezembro, considerada pelas Igrejas cristãs como o do nascimento de Cristo. Toda a pessoa medianamente culta sabe que não existe documento histórico que permita fixar semelhante data, nem quanto ao ano, nem quanto ao mês, nem quanto ao dia. Clemente da Alexandria, que viveu no fim do século II, diz-nos que, nas Igrejas do Egipto, esta festa se celebrava a 20 de Maio. Noutros pontos, ela tinha lugar a 20 de Abril, noutros a 6 de Janeiro. Foi só no IV século que o episcopado romano fixou a data de 25 de Dezembro, que era a do aniversário do deus Sol dos últimos Cesares romanos anteriores ao cristianismo. Foi assim que o *Natalis Solis Invicti*, dia do nascimento do Sol invencível, passou a ser o dia do nascimento do Salvador — *Natalis Domini*. O facto é indubitável: Monsenhor Duchesne, autor de uma apreciada *Histoire ancienne de l'Eglise*, exprime-se, a este respeito, por esta forma lacónica: «O 25 de Dezembro, *natalis Solis Invicti*, era dia de festa para os mitriastas; passou a sê-lo para os cristãos».

Mas, não é só a data do nascimento, e o próprio nascimento, a própria vida de Jesus, o Cristo, que se acham envolvidos na maior obscuridade. Quaisquer que sejam as divergências entre partidários e adversários da historicidade de Jesus, a moderna crítica histórica achá-se de acôrdo nos seguintes pontos: que os quatro evangelhos, chamados sinopticos, são, na história do cristianismo, produções relativamente tardias, de entre os anos 80 e 120; que são obras compositas, deixando ver na sua contextura camadas redaccionais de épocas e autores diversos, bem

como infiltrações de elementos míticos nas lendas do Nascimento virginal, da Tentação, da Transfiguração, da Ascensão; que, a despeito de uma certa concordância nas linhas gerais, se encontram contradições notáveis não só entre elles, mas, ainda, dentro de cada um d'elles; finalmente, que, qualquer que seja o fundo de realidade histórica contido nos evangelhos, elles não nos fornecem os meios suficientes para escrever uma biografia de Jesus.

Alguns vão mais longe, negam por completo a personalidade histórica de Jesus. Os principais representantes desta opinião são actualmente Arthur Drews, na Alemanha, Robertson, na Inglaterra, Benjamin Smith, na América, Van Eysinga, na Holanda. O livrinho do sr. Guignebert (partidário da historicidade) intitulado — *Le Problème de Jésus* (Ernest Flammarion, Paris) mostra-nos os argumentos apresentados de um e outro lado. O sr. P. L. Couchoud, pelo contrario, na sua obra — *Le Mystère de Jésus* (coleção — *Christianisme*, Rieder, Paris) pronuncia-se abertamente contra o Jesus histórico da teologia liberal. Para elle, desde os documentos mais antigos do cristianismo, as *Epistolas de Paulo* (anos 50-55), Jesus revela-se como um ente espiritual; só muito mais tarde apparecem as narrativas que o materializam: «não é um homem progressivamente divinizado, é um deus progressivamente humanizado».

O *Mystère de Jésus* faz reflectir, o que já não é pouco, mas, dada a ausência de documentos autênticos sobre os primeiros cinquenta anos da história do cristianismo, elle não passa, por ora, de uma hipótese, a bem dizer, mais verosimil do que a hipótese contrária. Donde se vê que o problema que no fim do século passado parecia ter ficado resolvido com a *Vida de Jesus*, de Renan, se apresenta, hoje, mais do que nunca, como um enigma sem solução.

Certo, o enigma não existe para os crentes. Para os que possuem a fé, não há contradições, não há textos falsificados, não há interpolações; o que está escrito, está escrito e é assim mesmo: tudo é claro, indubitável. Mas, quem pode, hoje, gabar-se de possuir a fé? Quem pode julgar-se senhor da verdade? Há-os que o dizem; mas, a não ser os de todos imbecis, estarão elles, no íntimo, bem convencidos?

Voltando, pois, ao dia de Natal: que é que, nesse dia, fora dos templos, verdadeiramente se festeja com a ceia ou o jantar de família, o peru, as borôas, a árvore do Natal, a distribuição de brinquedos às crianças? Digamo-lo francamente: não é o divino que festejamos através do humano, mas, sim, o humano através do divino. Mesmo quando entra em scena o menino-Jesus no seu presépio lendário, o que se festeja são todos os meninos sem distincção. O Natal é, essencialmente, a Festa da Criança.

Pelo que respeita à Festa dos Reis, ella comemorava primitivamente nas Igrejas do Oriente, a dupla manifestação (*epiphania*) do Verbo salvador do mundo, no nascimento

e no baptismo. Só no IV século é que a Natividade e a Epiphania constituíram duas festas distintas. Nesta última, a Igreja latina acrescentou a manifestação aos reis magos (*Festum trium Regum, Festum Stellae*) — manifestação do poder divino pela mudança da água em vinho nas bodas de Caná, e pela refeição milagrosamente distribuída a cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes. O povo combinou estas duas tradições, fazendo da Epiphania a festa dos Reis, e associando-lhe uma comezaina.

A lenda dos Reis Magos formou-se gradualmente, por camadas successivas, por aquele processo simplista por que se constituíram quasi todas as lendas cristãs: o nascimento de uma virgem, o presépio, a estrê que guiou os Reis Magos, o massacre de innocentes — a pesar do Herodes ter morrido quatro anos antes da nossa era — etc. Com as profecias diziam que a vinda do Messias havia de ser acompanhada de certos acontecimentos, e que elle devia praticar determinadas acções, e proferir determinadas frases, com elle se viu, visto que o Messias já tinha vindo, que aqueles acontecimentos se tinham dado, aquelles actos praticado, aquellas frases proferido. Mas, como as indicações dos profetas nem sempre eram precisas, daí vinha divergirem as afirmações sobre certos pormenores, enquanto a ortodoxia não resolvia acabar com discussões. Foi assim que durante muito tempo os nomes dos Reis Magos variaram, e que por fim a tradição ortodoxa os fixou definitivamente em *Melchior, Gaspar e Balthazar*.

Ao dia de Reis está associado o bolo Reinas a festa do *Rei bebe*, a que elle deu lugar provém de tempos muito anteriores ao cristianismo. Alguns querem que elle venha das saturnais, mas é mais natural que tenha a sua origem no uso antigo de nomear, ou eleger um *rei do festim*. De facto, o bolo que se servia em família na véspera da Epiphania, era cortado em tantos quinhões quantos os convivas; reservava-se a parte a Deus, ou do pobre que era dada a um mendigo. Uma criança designava a parte de cada um para evitar trapaças, e a quele a quem caía a fava era nomeado rei (ou rainha) — por sua vez, escolhia uma rainha (ou rei). O rei ficava devendo à rainha um presente, que costumava ser um bolo. Então todas as vezes que o rei levava o copo aos lábios todos devia gritar: «o rei bebe, viva o rei». Se alguém se esquecia de se associar a esta homenagem, enfarruscavam-lhe a cara e memoria de um dos três reis magos, que se preto.

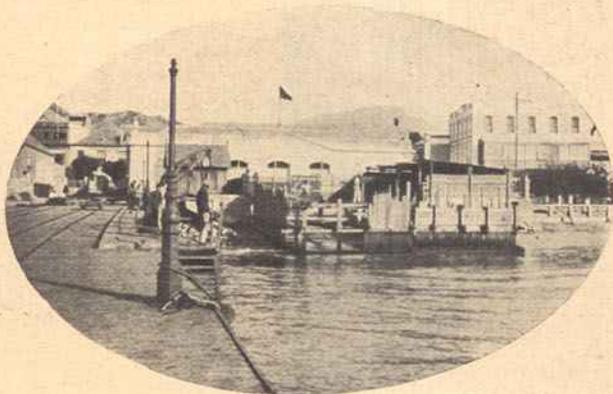
As máscaras que percorriam as ruas a partir do Natal entravam nas casas, onde se festejava o rei, desafiavam-no para jogar dados, e abalavam com o dinheiro ganho a majestade e aos respectivos subditos.

Por vezes algum conviva, para se subtrahir honras da realeza, dissimulava a fava. Isto deu lugar a que, durante algum tempo a fava fosse substituída por uma pequena boneca de porcelana que não podia ser engolida. Como, porém, não fosse de todo innociva para os dentes, a moda não durou.

Bons tempos em que todas estas coisas se faziam com alegria! JOSÉ DE MAGALHÃES

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOTAS DE ACTUALI- DADE



Da esquerda para a direita e de cima para baixo: — NO ANO BOM. — Os srs. embaixador do Brasil e ministro da Argentina, com os altos funcionários das suas legações, no Paço de Belém, antes de apresentarem os seus cumprimentos ao sr. Presidente da República. — NO ATRINHO COMERCIAL. — Todas as crianças pobres promovido pela Cruzada Nuphícares. — EM BELEM. — Oficiais generais do exército depois dos cumprimentos de Ano Bom ao sr. Presidente da República. — NO ORFANATO DE SANTA ISABEL. — O sr. general Carmo distribuindo brindes aos internados daquela benemérita instituição de caridade. — EM CABO VERDE. — Local (x) onde foi posta a primeira pedra para a construção da nova ponte-cais, grande melhoramento do porto de São Vicente. — O sr. governador de Cabo Verde, coronel Guedes Vaz, à sua chegada a São Vicente para pôr a primeira pedra da nova ponte-cais

(Fotos J. de Melo.)



ACTUALIDADES DE PORTUGAL E ESTRANGEIRO



BISSAU (Guiné Português). — Festas de inauguração do monumento ao heróico major Teixeira Pinto, pacificador da Colónia, realizadas com o maior brilhantismo. O tenente-coronel Leite de Magalhães, governador da Guiné, discursando ante o monumento.
(Foto Amadeu Gonçalves.)

NO OVAL DE BAIXO — Em Lourenço Marques. — Honras fúnebres prestadas ao general Massano de Amorim, governador geral da Índia, na passagem do féretro pela cidade de Lourenço Marques



(Foto A. A. Silva, Lourenço Marques)



(Foto Orrión, Madrid)

EM MADRID. — Ainda o concerto de Oscar da Silva, grande acontecimento intelectual e artístico da temporada. O maestro (sentado) tendo a seu lado a famosa señorita Marija de Franqueza e figurando no segundo plano os insignes artistas Júlio Francés, Odo González, Conrado del Campo, Ruiz Casaux e barítono José Patallo, que colaboraram no magnífico concerto de Teatro de La Princesa



Casamento, realizado em Braga, de D. Alice de Araújo Afonso e o sr. dr. Manuel Braga da Cruz, no palácio dos pais da noiva. Os noivos, após as cerimónias.
(Fotos Santos Lima.)



A ESQUERDA — Em Angola. — Desembarque, em Luanda, da Missão Académica de professores e alunos universitários. Os visitantes, levando à frente o organizador da excursão dr. Luís Witchich Carriso, cobertos de flores pelas crianças das escolas

(Foto Bazar.)

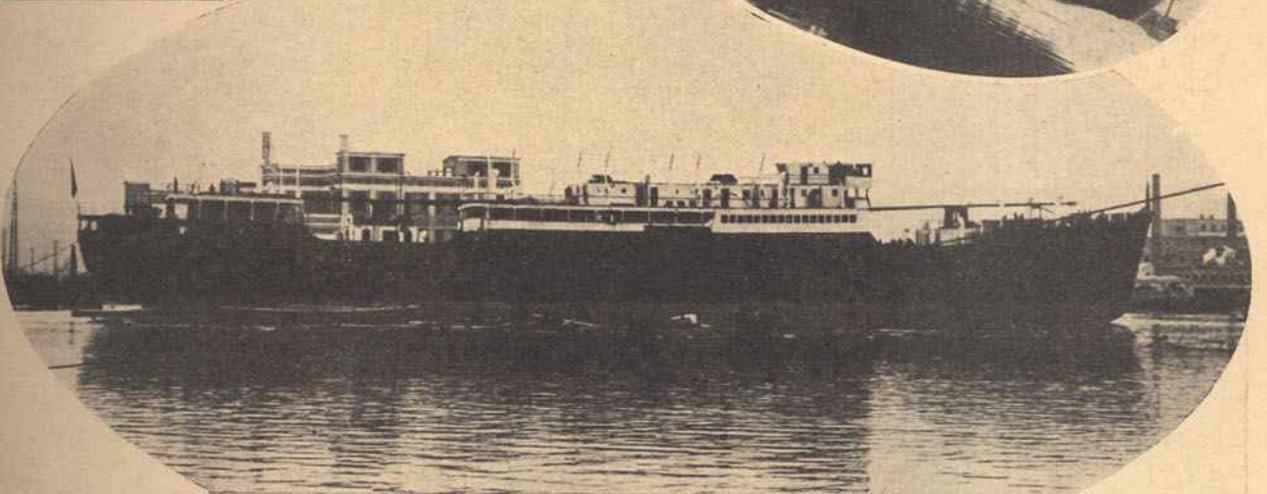
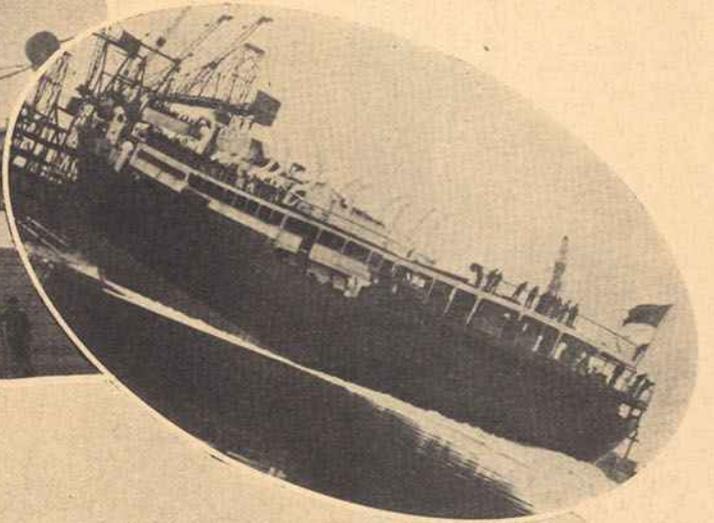
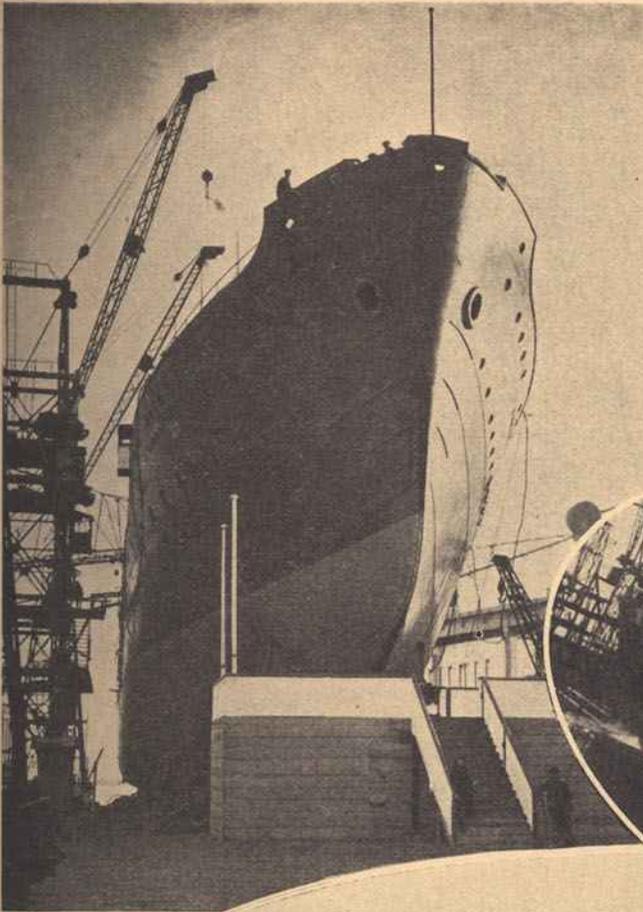
A NOSSA FROTA MERCANTE

O LANÇAMENTO DO "CARVALHO ARAUJO,"

Como indício seguro do ressurgimento económico do país, levado a efeito, sobretudo, pelo patriotismo magnífico do bloco de actividades particulares nacionais, a nossa frota mercante aumenta a olhos vistos. Dentro em pouco, de novo, os navios portugueses sulcarão todas as águas do globo. Coube agora a vez à Empresa Insulana de Navegação de pôr a flutuar mais um belo barco, o «Carvalho Araujo». As nossas fotos representam:

EM CIMA, à esquerda: — Em Monfalcone, Itália, o «Carvalho de Araujo» pronto para o lançamento, visto de prôa com a tribuna para convidados armada

NO OVAL DA DIREITA: — Um belo momento. O «Carvalho de Araujo» correndo na calceira e tocando as águas pela primeira vez
NO OVAL DE BAIXO: — O belo vapor destinado à carreira das ilhas adjacentes, já a flutuar, após o lançamento



Aspecto da tribuna de honra. — D. Lili Bensaude, madrinha do novo paquete (1), Madame Cosulich (2), Mademoiselle Cosulich (3), Vasco Bensaude (4), F. Brito do Rio (5), Marco Frankel, consul de Portugal em Trieste (6), Augusto Cosulich (7), Júlio Neves, engenheiro maquinista (8), Inspectores da Insulana nos estaleiros (9, 10 e 11), inspector dos Lloyds (12) e engenheiros dos Estaleiros de Monfalcone (13, 14 e 15)

(Fotos Cividini.)



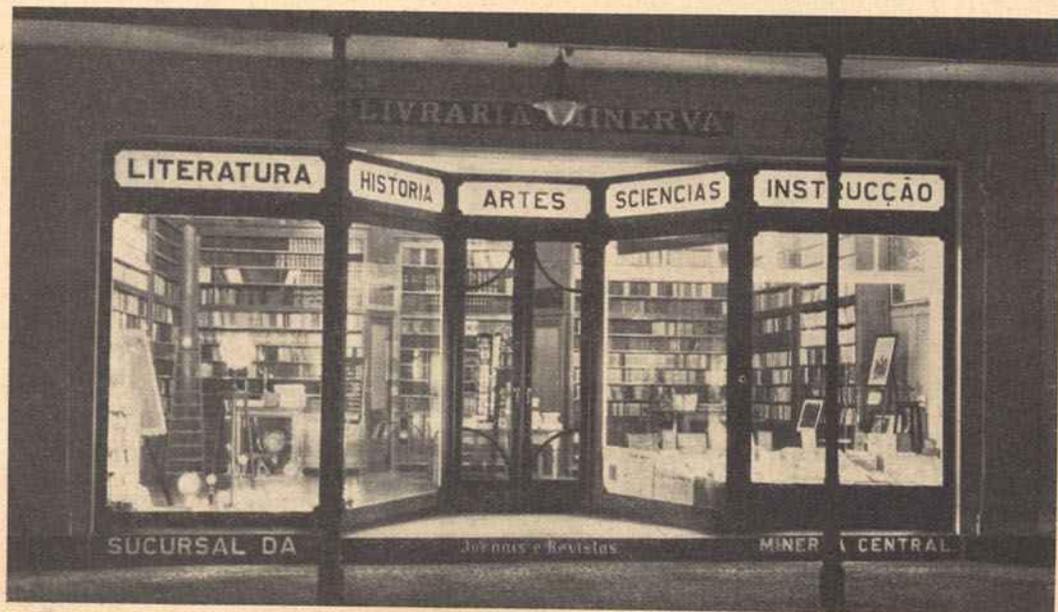
Exposição de cartazes da guerra na Escola Faria Guimarães, no Pôrto. — O sr. governador civil, tendo à sua direita o director da Escola, sr. Emanuel Ribeiro, e rodeado de outros professores, no acto da inauguração do interessantíssimo certame.
(Foto Alvaro Martins)

NO OVAL, da direita: — Ausenda de Oliveira no seu perfeitíssimo «traveste» de «o último Lord», em que acaba de alcançar um grande êxito de interpretação.
(Foto Brasil)



A pescadora Maria Rosália que, por ocasião do naufrágio da traieira «Santa Maria», na Foz do Douro, se lançou ao mar encapelado salvando o maquinista Hilário Guedes, prestes a sucumbir.

(Foto Alvaro Martins)



NO OVAL, de cima: — Em frente à Foz do Douro, por ocasião dos últimos temporais, a traieira «Santa Maria», do Pôrto, despedaçou-se contra os rochedos por se lhe terem ensarilhado as rédes na hélice. A tripulação foi salva a muito custo. Na foto vê-se o barco encalhado nos cachinhos da costa.

(Foto Alvaro Martins)

A ESQUERDA: — Em Lourenço Marques, — As novas instalações da Livraria Minerva, grande estabelecimento moderno, de aspecto magnífico e de grande categoria comercial, agente de venda da «Ilustração», e cujos proprietários são dedicados amigos desta revista.

A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

INQUÉRITO AO SEU ESTADO ACTUAL E ÀS SUAS NECESSIDADES

MAIS URGENTES V OS SUBMERSIVEIS

O submersível é hoje incontestavelmente uma das principais unidades, senão a principal, na guerra moderna.

As unidades navais desta classe, veem passando há alguns anos a esta parte por profundas e importantíssimas modificações.

Hoje pretende-se obter o cruzador-submersível e devemos dizer que a Armada inglesa, possui já um navio deste tipo, armado com quatro canhões de 130 mm dispostos em duas torres duplas, deslocando o submersível 3.500 toneladas.

Por todo o mundo a idéa dos super-submersíveis generaliza-se e encontramos hoje nas esquadras inglesas, americanas, francesas, italianas, japonesa e holandesa, unidades com deslocamento até 2.000 toneladas.

O submersível representa na verdade, a grande força oculta, que já hoje pode sustentar combate, também à superfície, com cruzadores ligeiros e grandes contra-torpedeiros.

Durante a Grande Guerra, foram os submersíveis a arma dos alemães.

A Marinha de Guerra portuguesa, dispõe hoje de três unidades submarinas, que deslocam cerca de 250 toneladas à superfície e 350 em imersão.

Com um pequeno raio de acção, podendo atingir à superfície a velocidade máxima horária de 13 milhas e em imersão 7 milhas, os nossos submersíveis quasi nenhum valor militar têm na época presente.

Além disso são unidades que ultrapassaram já o limite de serviço: tendo sido lançados ao mar em 1917, concluíram no dia 12 de Outubro último, doze anos de serviço activo.

Essa circunstância não impede porém que os bravos marinheiros de Portugal, continuem realizando nos seus modestos submersíveis os mais arriscados exercícios de imersão, como os que ultimamente se realizaram na costa de Sesimbra e de Sines e no estuário do Sado.

As nossas unidades submarinas, devem a sua

existência não só à boa construção, como ainda ao zelo, competência e espirito de sacrificio de quem abnegadamente os tripua, tendo à frente a figura do nosso querido amigo e ilustre marinheiro sr. capitão de fragata Joaquim de Almeida Henriques.

Urge porém substitui-las e a reorganização da nossa Marinha de Guerra tem de iniciar-se por essas unidades.

Ninguém tem o direito de sacrificar ingloriamente a vida dos 63 officiaes e marinheiros que guarnecem a nossa esquadilha submarina.

Julgamos não estar fora da verdade se affirmarmos que no Orçamento do actual ano para o Ministério da Marinha, será incluída a verba de 60.000.000\$000 destinada a novos submersíveis de cuja construção devem ser provavelmente encarregados os estaleiros italianos.

Nas conferências tendentes a obter um accordo para o desarmamento naval, as grandes potências — especialmente os Estados Unidos — alviram a utilidade da supressão dos submersíveis.

Portugal, a-pesar de não tomar parte em reuniões dessa magnitude, não pode contudo deixar de combater tal idéa.

As mandíbulas da nossa defesa, serão sempre, o avião e o submersível.

Portugal se deseja valorizar a sua politica lá fóra, tem de reorganizar primeiramente a sua Marinha de Guerra.

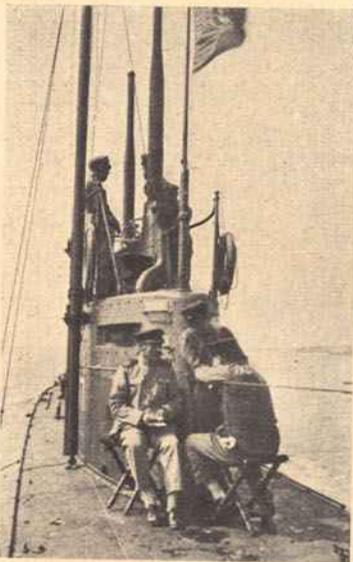
E essa reorganização deve iniciar-se pelos submersíveis.

A nação sabe bem o esforço hercúleo, que tem de realizar. Contudo, o país inteiro, anseia pelo seu ressurgimento naval.

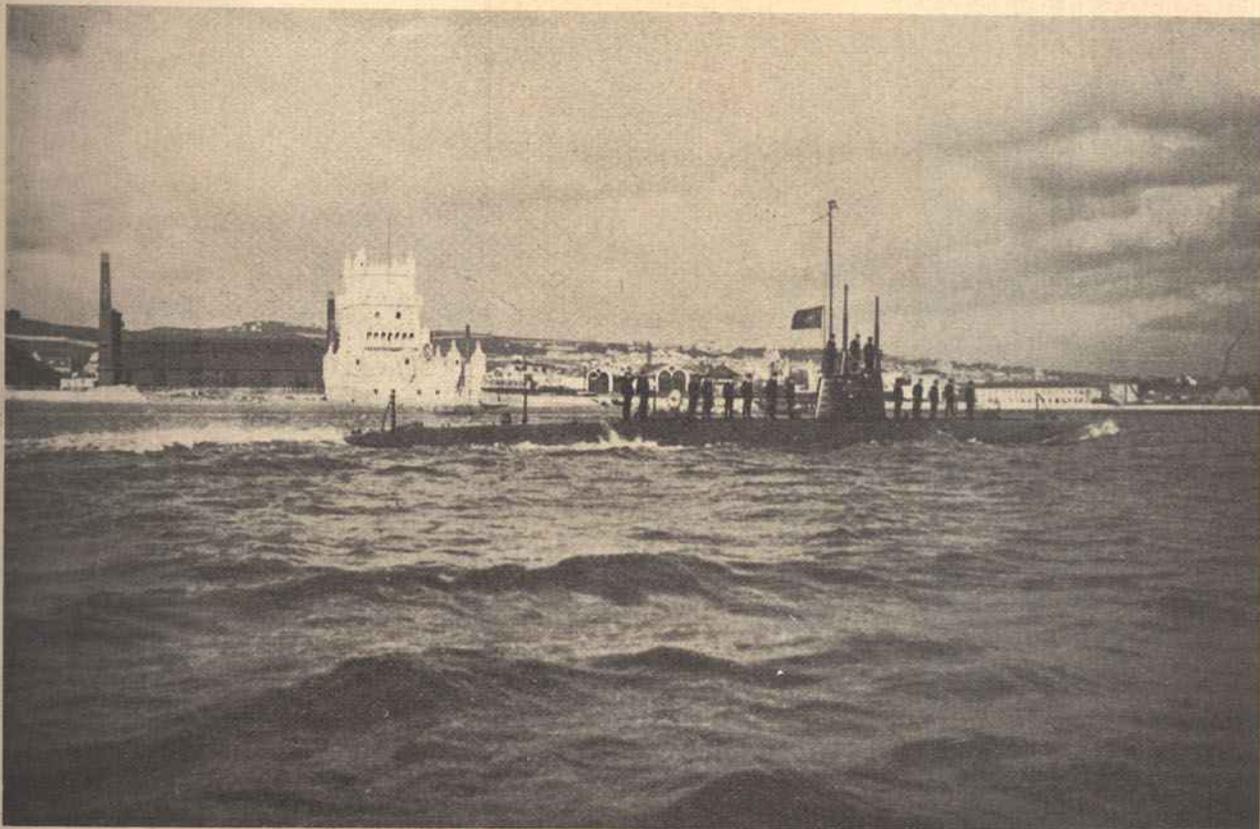
E essa obra deve iniciar-se, mesmo que, aos inimigos da Marinha, muito custe.

Na próxima crónica, trataremos de canhoneiras e navios auxiliares.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



o dedicado comandante da esquadilha de submersíveis, sr. capitão de fragata Almeida Henriques, conversando com outros officiaes na tolda do «Hidra», durante as últimas manobras ao largo de Setúbal



O submersível «Golfinho» de regresso de manobras entrando no Tejo a toda a velocidade

RICARDO CALVO

EM

LISBOA

QUEM É O ACTOR
QUE EM BREVE
NOS VISITA

ALGUMAS PEÇAS DO SEU RE-
PORTÓRIO E AS PRINCIPAIS
FIGURAS DA SUA COMPANHIA



Pepita Calvo Velazquez



Guillermo Marin

Lisboa vai conhecer um dos interpretes mais entusiastas do teatro clássico espanhol, dessa riquíssima fonte de beleza dramática e simbologia eterna que deu alento e vida a toda a criação do moderno teatro universal. As obras de Calderon de la Barca, Lope de Vega e Tirso de Molina, vão ser conhecidas do nosso público pela justa interpretação de

Ricardo Calvo, que debuta ainda este mês no nosso teatro do Ginnásio com uma companhia bem equilibrada e um magnífico reportório de peças, onde figuram, além das mais famosas daqueles três imortais do Século de Ouro, obras de dramaturgos tão insignes como o Duque de Rivas, Velez de Guevara, José Zorrilla e Jacinto Benavente.

Quem é o admirado actor que daqui a dias se apresentará entre nós? Eis algumas notas da sua biografia.

Ricardo Calvo nasceu em Madrid a 19 de Abril de 1881. Tem hoje, portanto, 48 anos. Descendente duma illustre familia de artis-

tas, foi seu pai o eminente actor Rafael Calvo, que tanto se distinguiu no desempenho do teatro romântico, e que, com António Vico, deu o maior esplendor ao teatro dramático em Espanha durante os anos que vão de 1870 a 1888, assim como seu avô já fôra uma prestigiosa figura da scena, o célebre actor de carácter e mestre neste difficil género, José Calvo, que brilhou nos meados do século passado com Zamora, Latorre e Romca, outros três grandes nomes, e dos mais destacados na história da dramaturgia espanhola.

Ricardo Calvo frequentou os melhores colégios de Madrid, e não foi em vão que teve como discípulos os insignes poetas António e Manuel Machado, pois foi também como poeta, e não como actor, que elle se deu a conhecer nos círculos literários madrienos. Esta amizade com os conhecidos escritores,

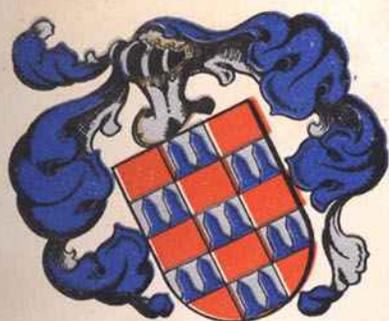
que Calvo ainda hoje conserva íntima e fraternal, devia influir muito na sua formação intelectual e artística. Era por essa época o Ateneu de Madrid uma das entidades mais prestigiosas das Letras e das Artes espanholas, prestigio que manteve íntegro até ao advento do novo regime político. Foi com elles que o nosso actor ingressou nesta douta



Irene Guerrero de Luna



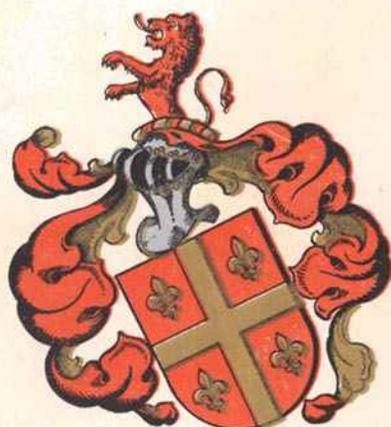
Adela Calderón



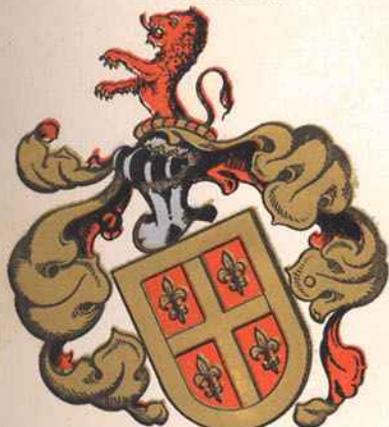
Astúrias



Ataíde



Atouguia



Atouguia



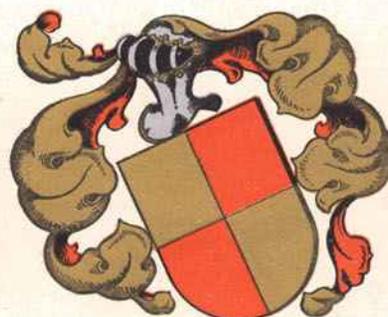
Auço



Auzzi



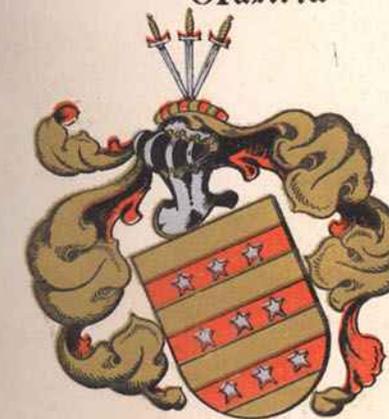
Áustria



Avalor



Avalor



Avelar



Abelhaneda



Ávila



Antonio Estevez

Associação, onde chegou a formar parte da comissão dirigente da secção de Literatura, que lhe ficou devendo apreciáveis serviços. Ali revelou-se Ricardo Calvo como um magnífico recitador de versos, entre aquela juventude entusiasta e exigente donde saíram as melhores figuras da Espanha actual.

Paris e Londres atraíram por essa altura a atenção do ilustre artista. Dez anos de residência nestes dois grandes centros da Europa, sempre acompanhado dos irmãos Machado, e onde conheceram Gomez Carrillo, Ruben Dario, Bonafoux e outros célebres escritores, vieram completar a sua formação cultural.

Quando regressa a Madrid, inicia a sua vida artística. Entra a formar parte como primeiro actor da Companhia Maria Guerrero-Fernando Diaz de Mendoza, onde estreia algumas peças de Benavente, tais como: *El dragon de fuego*, *Los ojos de los muertos*, *Más fuerte que el amor*, tendo sido então a crítica unânime em evocar, perante o seu trabalho, as glórias de seu pai.

Mas a sua cultura e entusiasmo levaram-no a estudar o teatro clássico e romântico. Desde 1912 até hoje é o seu único interprete. E, graças à sua acção verdadeiramente notável, o público espanhol está familiarizado com os grandes dramaturgos dos séculos XVI e XVII e com as melhores fontes do seu teatro nacional.

No *Teatro Espanhol*, que é o teatro municipal de Madrid, e o de mais gloriosa tradição dramática, fez dez temporadas seguidas. Depois organizou uma *tournee* à América, tendo recorrido em triunfo todas as Repúblicas hispano-americanas.

De regresso a Madrid inaugura novamente e depois duma radical reforma o *Teatro Espanhol*, onde actualmente se encontra, para levar à scena obras de puro sabor clássico como *El Alcalde de Zalamea*, *La vida es sueño*, essa preciosa jóia de Calderon de La Barca, *Reinar después de morir*, um dos mais belos trabalhos dramáticos da literatura igneziana, onde Velez de Guevara dramatiza

com grande elevação poética e justa fidelidade histórica os amores de Inês de Castro; *En el seno de la muerte*, *Don Juan Tenorio*, a célebre peça de Zorrilla que Júlio Dantas pôs em bons versos portugueses; *Traidor, infancho y martir*, onde a figura do nosso D. Sebastião é tratada com emoção e grandeza, *El vergonsozo en Palacio*, deliciosa filigrana de Tirso de Molina, na qual o glorioso frade presta homenagem à velha lealdade portuguesa; *Don Alvaro ó la fuerza del sino*, etc., etc., etc...

É seu intuito dar a conhecer em Lisboa as peças mais representativas do teatro clássico espanhol, e, entre estas, aquelas de carácter histórico por onde desfilam figuras portuguesas e que provam inquestionavelmente o carinho e o respeito com que as nossas coisas e os nossos homens sempre foram julgados pelos maiores valores literários do país vizinho.

Actualmente Ricardo Calvo conta com um valioso repertório de mais de 40 peças, onde se destacam as obras fundamentais de cada

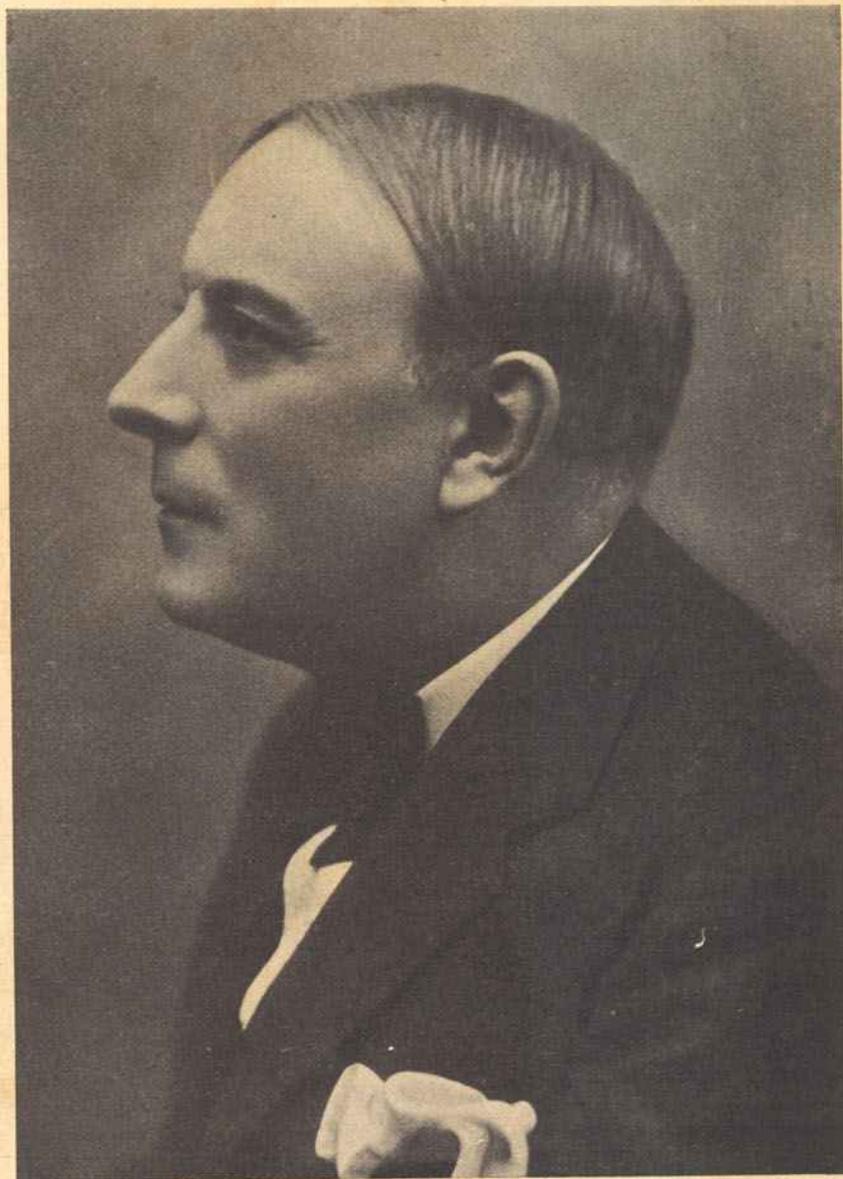
autor e de cada época, e uma Companhia conscienciosamente equilibrada, estando algumas das figuras que a compõem educadas por êle, formando assim um conjunto harmónico e notável.

Primeiras actrizes são: Adela Calderón, que neste primeiro posto trabalhou com Enrique Borrás durante 6 anos; Irene Guerrero de Luna, formosa e jovem ingénua, a quem Calvo ensinou todos os segredos do palco, e sua filha Pepita Calvo Velazquez, magnífica recitadora como seu pai.

Das hostes masculinas que Ricardo Calvo leva a Lisboa, destacamos dois dos seus actores principais: Guillermo Marin, galã naturalíssimo e de boa cultura scénica, e António Estevez, actor cómico, de recursos próprios e educado na escola de Rosell.

Eis algumas notas acêra do repertório e da Companhia do ilustre actor que em breve se apresentará entre nós, acompanhada do insigne Eduardo Marquina e dos sagazes críticos Luis Gabaldón e Antonio de La Villa.

SRAVON.



O eminente actor espanhol Ricardo Calvo

OS TERRITÓRIOS DA COMPANHIA DO NIASSA



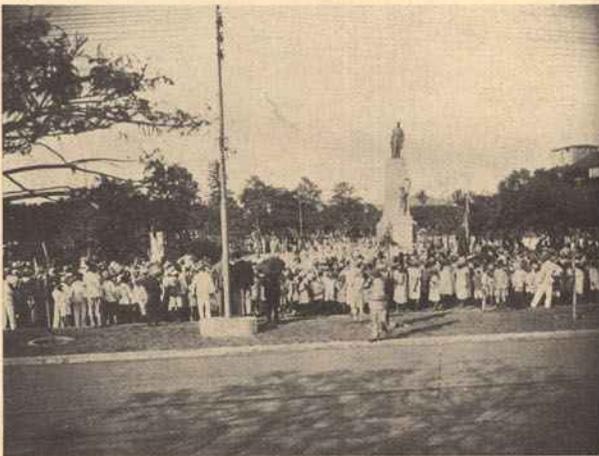
Festa promovida pela Liga de Defesa da Colônia em homenagem à Estátua de António Ennes

A passagem dos territórios da Companhia do Niassa para a posse definitiva do Estado produziu na cidade de Lourenço Marques — a nossa primeira capital colonial — um regoijo enorme, que por muito tempo perdurará na memória de todos quantos a êle tiveram ensejo de assistir.

A população de Lourenço Marques foi a que mais se empenhou, numa campanha tenaz, inquebrável, na extinção da companhia magestática do Niassa. Orientada pela Liga de Defesa da Colônia, ela enviou nesse sentido telegramas ao Governo Central, promoveu comícios e conferências, e a sua imprensa — uma das mais importantes da língua portuguesa — inseriu inúmeros artigos e informações acerca do importante problema.

Tôdas as aspirações de Lourenço Marques, onde hoje existe uma elite mental apreciável que sabe querer e orientar, se dirigiram, salvo raras excepções, para uma aspiração commum: a passagem dos territórios do Niassa para a posse do Estado.

As companhias magestáticas, que o período convulsivo do *ultimatum* geraram, nunca foram bem vistas pelo povo português. A propaganda republicana, aproveitando tudo quanto fôsse causa de descontentamento público, transformou-as num dos mais fortes bordões com que atacou a Monarquia. Porém, só decorridos cerca de vinte anos depois da implantação da República é que uma dessas companhias vê cessar o seu poderio, já porque a sua carta orgânica a tal medida dava esplêndido ensejo, já porque a campanha da população de Lourenço Marques não largou de mão o assunto. Entretanto, se não se tivesse dado a feliz circunstância de o contrato com o Estado poder res-



Homenagem à estátua de António Ennes comemorativa da passagem dos territórios do Niassa para o Estado

NA POSSE DO ESTADO

DEPOIS DE PORFIAR NA LUTA A LINDA
CIDADE DE LOURENÇO MARQUES
FESTEJA O SEU TRIUNFO

pêso de oito só nações muito ricas os podem fazer. Ainda há bem poucos anos a Grã-Bretanha resgatou, por alguns milhões de libras, o contrato com a sua companhia magestática da Rodésia. E os motivos da sua decisão não se fiavam, como poderia supôr-se, em actos de má administração por parte dessa companhia. Tratava-se apenas de uma medida de política colonial.

A União da África do Sul que é um Estado novo, autónomo, prestes a proclamar a sua inteira independência em face da Inglaterra, alarga, dia a dia, o âmbito das suas ambições. A Rodésia, que é ainda uma simples colônia britânica, seluzia-se. Smuts namorava-a. Nas suas campanhas, nos seus discursos energicos dentro e fora do Parlamento de Pretória, o conhecido politico sul-africano proclamava a necessidade de se enropear a Rodésia na União da África do Sul. E mais: uma vez incorporada o Rodésia na União, dizia êle, ficaria esta com o di-

Resgates de companhias magestáticas a

reito de se apossar do nosso pórtio da Beira.

Smuts era, portanto, uma ameaça para a Inglaterra e para Portugal. Para a primeira, porque desejava através de um plebiscito hábilmente preparado levar-lhe uma colônia florescente, para nós, porque a sombra dessa politica, desejava lançar mão dos caminhos de ferro e do pórtio da Beira.

Foi então que os ingleses, com a serenidade que lhes é peculiar, resgataram a sua companhia magestática da Rodésia, passando os seus territórios para a posse da Corôa, substituindo autoridades e altos funcionários, e dando-lhe um parlamento autónomo, que hoje funciona normalmente. Os sonhos de Smuts desfizeram-se e o pórtio da Beira continua português.

A posse dos territórios do Niassa não nos custou tantos sacrificios como à Inglaterra os da Rodésia. Fomos, sob o ponto de vista monetário, muito mais felizes. Custou-nos



Imponente manifestação promovida pela Liga de Defesa da Colônia de Lourenço Marques

mais em energia e em ecção decidida, visto ter sido necessário uma luta persistente para se anularem certas resistências, alguns comodismos e muitos interesses criados que a essa medida se opunham.

Coroados de absoluto êxito a sua campanha, a Liga de Defesa da Colônia promoveu em Lourenço Marques uma linda festa, concorrida por farta multidão, conforme as

nossas fotografias exuberantemente o pro-
vavam.

A estátua de António Ennes foi uma grande romaria em preito de homenagem, realizando-se junto do seu pedestal um comicio onde se fizeram as mais eloquentes afirmações de fé patriótica.

Em Lisboa, passou êste acontecimento quasi despercebido. Não nos parece de bom agouro êste desinteresse da capital por assuntos que outrora a teriam feito vibrar de entusiasmo. Dir-se hia que aquêle espirito cívico que sempre distinguira o povo de Lisboa se transferira para o de Lourenço Marques que não só por esta questão como por outras de grande importância para o país vem demonstrando um interesse digno de menção.

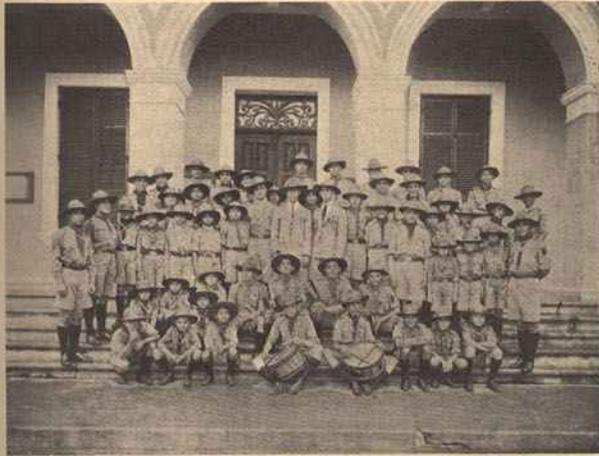
Estes movimentos de opinião constituem características de uma cidade nova, mas já muito importante, que principia a querer marcar o seu lugar na actividade mental da nação.

A Metrópole não deve esquecer-se de que Lourenço Marques é o maior e melhor apetrechado de todos os portos de África, que a sua população é considerável e que, à semelhança das cidades europeias, ella possui esplêndidas avenidas, bons hotéis, parques agradáveis, teatros, clubes desportivos importantes, carros electricos, ruas bem pavimentadas, praia de banhos, uma boa rede sub-urbana de estradas alcatroadas, tudo enfim que dela faz hoje uma boa capital e que pode dentro em breve lançá-la na categoria das grandes cidades do mundo.

Que admira, pois, que Lourenço Marques triunfasse da luta em que tão decididamente se lançou?

(Foto A. J. Silva)

MARIANO LOPES.



Representantes dos grupos de Escoteiros de Lourenço Marques nas festas comemorativas da passagem dos territórios do Niassa para o Estado



TABOA DÉCIMA PRIMEIRA

ASTURIAS—Xadresado de vermelho e de
veiros de 3 peças em faxa e 5 em pala.

*Echiqueté de gueules et de vair, de 5 tires
de trois pièces.*

ATHAIDE—Em campo azul 4 bandas de
prata.

TIMBRE: Uma onça saltante, lampassada
de vermelho, bandada de 9 peças de azul e
prata.

D'azur, à 4 bandes d'argent.

CIMIER: *Une once saillante, lampassée de
gueules, bandée de 9 pièces d'azur et d'ar-
gent.*

ATOUGUIA (1.º ramo)—Em campo ver-
melho, uma cruz de oiro, cantonada de 4 flo-
res de liz do mesmo.

TIMBRE: Um leão sainte de vermelho,
armado de oiro.

*De gueules, à la croix d'or, cantonnée de
4 fleurs de lis du même.*

CIMIER: *Un lion issant de gueules, armé
d'or.*

ATOUGUIA (2.º ramo)—Em campo ver-
melho, uma cruz de oiro, cantonada de 4 flores
de liz do mesmo, bordadura também de oiro.

TIMBRE: Um leão sainte de vermelho ar-
mado de oiro.

*De gueules, à la croix d'or, cantonnée de
4 fleurs de lis du même, à la bordure aussi
d'or.*

CIMIER: *Un lion issant de gueules, armé
d'or.*

ANÇO—Campo vermelho, semeado de
cruzetas e aneletas de oiro, com contra-chefe
ondado de prata, aguado de azul e uma águia

de 2 cabeças, estendida, de negro, armada e
coroadada de oiro, brocante sôbre o semeado.

*De gueules, semé d'annelets et croisettes
d'or, à une mer d'argent flottée d'azur au
bas de l'écu, et une aigle à deux têtes de sa-
ble, au vol éployé, armée et couronnée d'or,
brochant sur le semé.*

AUSSI—Em campo vermelho um leão de
oiro armado e lampassado de azul.

TIMBRE: O leão do escudo.

*De gueules au lion d'or armé et lampassé
d'azur.*

CIMIER: *Le lion de l'écu.*

AUSTRIA—Partido: o I em campo de
oiro, meia águia de 2 cabeças estendida, de
negro, bicada e sancada de vermelho; o II
em campo vermelho e 2 faxas de prata.

TIMBRE: Uma águia de uma só cabeça, de
negro, sainte, bicada de oiro, lampassada de
vermelho.

*Parti au I d'or, à une demi aigle à 2 têtes
de sable, becquée et membrée de gueules, au
vol éployé; au II, de gueules, à 2 faxes
d'argent.*

CIMIER: *Une aigle à une seule tête, issan-
te, de sable, becquée d'or et languée de
gueules.*

AVALOS (antigo)—Esquartelado de oiro
e de vermelho.

Ecartelé d'or et de gueules.

AVALOS (de Gil Peres)—Em campo azul,
um castelo de oiro, bordadura composta de
8 peças de oiro e vermelho.

*D'azur à un chateau d'or, sommé de 3 tur-
relles à la bordure componnée de 8 pièces
d'or et de gueules.*

AVELAR—Em campo de oiro 3 faxas de
vermelho, cada faxa carregada com 3 estrê-
de prata.

TIMBRE: 3 espadas de prata, guarnecidas
de oiro, empunhadas de vermelho, apontadas
e fincadas no elmo.

*D'or, à 3 faxes de gueules, chaque faxe
chargée de 3 étoiles d'argent.*

CIMIER: *3 épées d'argent, garnies d'or au
poignée de gueules, appointées et fichées
dans le casque.*

AVELHANEDA—Em campo de oiro,
lobos negros, passantes, um sôbre o outro
e cevados cada um do seu cordeiro de ver-
melho; bordadura vermelha, carregada de
aspas de oiro.

TIMBRE: Um lobo do escudo.

*D'or, à 2 loups de sable, passant l'un sur
l'autre, leurs proies de gueules, à la bordure
de gueules, chargée de 8 flanchis d'or.*

CIMIER: *Un loup de l'écu.*

ÁVILA—Esquartelado: I e IV em campo
de oiro, uma águia estendida de negro, II
e III em campo de prata, 3 faxas de vermelho
acompanhadas de 4 olhos sombreados de azul,
alinhados em banda.

TIMBRE: A águia do escudo.

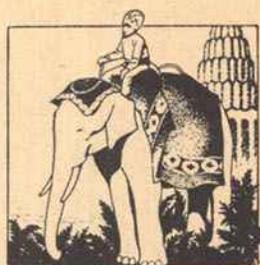
*Ecartelé: I et IV d'or, à l'aigle de sable
au vol éployé; II e III d'argent, à 3 faxes de
gueules accompagnées de 4 yeux ombres
d'azur, rangés en bande.*

CIMIER: *L'aigle de l'écu.*





Por esse mundo



Em quasi todos os meios literários se dá um fenómeno curioso. Editores e escritores, precisando uns dos outros, não podendo estes passar sem o concurso daqueles, não podendo aqueles exercer a sua actividade sem a colaboração dos que escrevem, longe de se coligarem, de procurar um entendimento são, durável, bem intencionado e leal, com o que uns e outros só teriam a lucrar, são, o que se chama «como cão e gatos, guardados os devidos respeito». O pomo da discórdia são os interesses em metálico, a «vil pecúnia». A vida, exigente, árdua, implacável, não consente que os escritores se desinteressem da parte lucrativa da sua profissão e façam arte pela arte, como os parliquesos da célebre «Duo da Africana», salvo também o devido respeito. E daqui que todo o escritor, o mais altamente colado ou o mais confinado na vasta categoria dos «esperançosos» se sintam com o direito de atalajar, com ferocidade, os caminhos lucrativos dos editores, com o aspecto de eterno roubado e assacando ao impressor a mais desvergonhada exploração de seus talentos.

O que se dá por esse mundo em fora, a este respeito, reproduz-se fielmente em Portugal, com a diferença de que, por lá adentro temos o mal entendido muito mais agravado por que tudo que de mau lá de fora nos vem aqui pega de estaca e floresce vigorosamente.

O autor recebe, em via de verga, percentagens sobre a venda bruta do seu livro, o editor recebe o líquido tendo os preços de papel e não de obra de antes da guerra multiplicados por 25 e o preço do volume multiplicado por dez. Eloquentes. E daqui que os escritores renunciam, tão depressa, a editar suas próprias obras, quando a tal se metem convencidos de que livro impresso e livro vendido são uma e a mesma coisa... O que não deixam de vozear, a toda a hora é a ária da exploração de que são vítimas, pelas exiguas percentagens que mestres editores lhes destinam. Com razão?... Um artigo, recentemente publicado em «L'intermédiaire» de Paris, folha de interesse para os amigos do livro, diz-se, textualmente, sob o título «Pourquoi?... Pourquoi?... Pourquoi?...».

Porque razão os escritores franceses foram sempre os autores mais mal pagos do mundo?... Ao passo que os editores estrangeiros pagam quinze por cento do preço de venda dos livros aos seus autores, porque razão os editores franceses só lhes pagam dez por cento?

Porque razão os editores franceses cobram — por contrato — aos escritores cujos livros publicam, a metade, um terço ou um quarto dos direitos de tradução em línguas estrangeiras? Porque razão os editores franceses recebem dos editados uma parte dos direitos de adaptação ao cinema das obras por eles editadas?

Três perguntas formuladas por Mr. Louis Thomas. Porque?... Porque... Mas é o próprio sr. Thomas que responde a estas perguntas numa outra que formula...

Porque razão os livros, em França, são vendidos a doze francos, quando o franco vale legalmente quatro soldos e praticamente pouco mais de três? Porque o livro que era vendido a 3 fr. 50 em 1914 devia vender-se agora por 17 fr. 50 a 20 francos...».

E remata o articulista com uma frase que deixamos em francês.

«Eh oui, nous savons pourquoi notre fille est muette...».

Ora adaptando este arlguinho ao nosso meio ele pode servir, à guisa de apólogo.

E ainda por cima se pode agravar a jerenada de Mr. Thomas se, ao referir-se ela a escritores portugueses, se lhe emendem os da-

dos numéricos sabendo-se que o escritor português recebe 20 e 25 por cento do preço de venda do livro, percentagem bem superior, já não digo àquela de que se queixam os franceses mas sim àquela que eles, com cubiçosa inveja, julgam ser a que pagam os editores de fora do seu país. Quanto ao preço dos livros, se os editores os aumentassem como querem os que recebem sobre a venda bruta... temos conversado.

Num país em que, dum obra consagrada se não vendem mais de meia dúzia de milhares de volumes em uma dúzia de anos, num país em que é praxe o empréstimo reiterado de livros, que representa um dolo indigno, vão lá aumentar o preço dos livros... Havia que começar a editar tudo em espanhol ou patagão, sabido quanto em países estrangeiros se lêem mais do que em Portugal alguns escritores portugueses, ponho por exemplo o Eça nos países de fala castelhana...

Que bom é pescar pérolas no vasto mar da estultícia e da impudente ignorância. Pequenos resultados da pesca de uma leitura desenfadada. Num periódico que finge perceber de coisas espanholas, artigo flamante sobre política interna de «nuestros hermanos». E o ibérico articulista, traduzindo à letra, escreve:

«...El Sol, ocupando-se do magno debate, esclarece, por sua vez, que o general Primo de Rivera disse ao director do jornal das segundas-feiras que...»

Sabem que jornal é este? É El Noticiero del Lunes que foi traduzido, ali, em vernáculo, dicionário em punho!...

E outra pérola de mais belo oriente:

Esteve no Douro um navio dos «soviets», por sinal depois de ter saído, com abnegada filantropia, a tripulação dum barco português que andava perdido e que três barcos, um inglês, um norueguês e outro italiano, haviam deixado, criminosamente, sem socorros. A estadia do petroleiro desencadeou, por oportuno, largo debate contra o regime enigmático e parece que pouco brando fundado por Lenine. E um jornal de orgulhosa informação, em primeira página, transcrevia as declarações do grande escritor romeno Panait Istrait, ao Matin. Mas o pior é que os conhecimentos da língua gaulesa eram tantos e tão grande a desorientação produzida pelo demo do nome, tão arrevezado ele, que apareceram as citações como excertos do... Jornal russo «Panait Istrait» editado em Paris... Assim, entre comas e tudo!... Pescadores de pérolas... vinda a este mar que é abundante em ostras degeneradas... das lais que têm uma pedra preciosa no ventre...

Ilustração tem registado, pela pena mordaz de Mário Domingues, um amplo filme de curiosidades e actualidades, um documentário sarcástico da vida portuguesa do qual uma secção, se intitula «Figuras excêntricas da nossa terras». Todos os artigos da série têm o valor de documentos. E um arquivo, não é uma série de ataques ou de irreverências irrespeitosas. A Ilustração não o faria nunca. Embora as figuras que desfilarão sejam lódas conhecidas de todos pelo seu pitoresco e pela sua originalidade, às vezes simpática, até, lódas foram tratadas com intenções de reserva e de respeito por tudo quanto na sua vida, signifique intimidade, tudo

quanto esteja para lá da silhueta exterior típica, ornato deste fundo gigantesco de cenário que é a Lisboa que vive e sofre. Vem isto a propósito de ter sido infundadamente lido por ataque chocante a biografia publicada com o título «A falsa advogada». E nada ali havia que proposadamente tal significasse. Tralava-se, com bom humor sim, mas sem acrimonia, uma figurinha que nada tem de antipática, pela sua alegre independência, pela vontade de triunfar, pela ousadia graciosa, pelo pitoresco das altitudes... E o nosso sorriso foi tomado por vesgo quando era franco e claro, como sempre... Do aspecto involuntário das coisas nos penitenciamos.

Há muito pouco tempo que são possíveis, entre nós, as revistas de carácter técnico, aquelas que versam problemas económicos, culturais ou especulativos. Há meia dúzia de anos seria considerada perigosa utopia o lançamento de uma publicação deste género. Felizmente que agora já tal facto se não dá. Entre outras revistas do género destacam-se duas que, pela sua regularidade de publicação, pela excelência dos seus colaboradores e dirigentes, pela elevada missão a que estão destinadas e pelo programa utilíssimo que estão religiosamente cumprindo, conquistaram o direito de existência desafogada para honra e proveito de todos quantos as estimem e as utilizem como consultores. Referimo-nos a «O Comércio Português» e «Revista de Comércio e Comunicações». Numa e noutra aparece colaboração dum plêiade de valores autênticos, não desses nomes balofo que sóam no adufe da fama de cêndulos ridículos, inuteis pela pedanteria ou pela «gota» implacável, mas nomes de sólida validez moral e intelectual, de especialização igual em valia ao patriotismo e ao pudor profissional. E esses homens estão construindo, pacientemente, pedra a pedra, com os seus estudos e as suas publicações, qualquer coisa de muito grande e de muito útil para todos os que vivem neste grande país tão mal servido às vezes.

Nada mais ridículo e velho que a praxe, usada em revistas, de ocupar certas e determinadas páginas em certos e determinados números com prosa de cliché sobre as solenidades da época. Assim as Páscoas e as datas históricas e, sobretudo, a comédia do fim do ano, em que, convalescentes ainda da «starcia» implacável que finda num Dezembro, fingimos esperar alívios imediatos num Janeiro que, por força implacável do destino, há de ser bulhoso e agressivo também para os que labutam sem remissão.

Por isso entendemos não inutilizar o espaço do número de primeiro do ano para inserir aquele costumeado e burocrático carlõesinho de ponta dobrada. Não somos hipócritas. Não nos iludem perspectivas de sonho. Não nos deslumbram miragens. No ano novo, que entrou com um frio de rachar, vamos fazer exactamente o mesmo que nos anos anteriores. Trabalharemos sem descanço, como moirinhos, no dizer pitoresco da arrua miúda, para contentar os nossos leitores... que, por sua vez, também, terão que trabalhar como nos anos idos, para, do dinheiro havido com seu labutar, poderem distrair os escudos quizenais com que não de comprar esta Ilustração feita para bem os servir...



(FANTASIA)

POR

LEOPOLDO ALAS

(CLARIN)

Nevava sôbre os brancos e gelados cumes. Neve na neve, silêncio no silêncio. Morria o sol invisível, como pai que morre ausente. A belêsa, o consôlo daquelas solidões dos despenhadeiros pirenaicos, desvanecia-se e ficava o horror sublime da noite sem luz, calada, hirta, terrível imitação do nada primitivo.

Na cinza das espessas núvens que se agrupavam à volta dos picos, como se andassem à busca de ninho e albergue, a sombra tornou-se repentinamente densa; e, se olhos de sêr racional houvessem assistido à tristeza daquele fim de crepúsculo no alto do monte, teriam vislumbrado, entre o nevoeiro, formas humanas, que pareciam caprichos da névoa ao rasgar-se nas arestas das rocas, algumas recortadas como asas de morcêgo, como o negro manto de Mefistóteles.

Em vez de se deformarem e desvanecerem aqueles contornos de figuras humanas, foram-se condensando, tornando-se reais pelo desenho; e se, primeiro, pareciam prerrafaélitas, chegaram depois a ser dignos de Velasquez. Quando as trevas, que aumentavam com ávida fermentação, tornaram a apagar as linhas, desapareceu o mistério, porque a realidade impôs-se com uma voz, vencedora da escuridão: missão eterna do Verbo.

— Caímos de pé, mas não com sorte. Parece-me que nos enganámos de planeta. Isto não é a Terra.

— Eu vos demonstrarei, Quevedo, com Aristóteles na mão, que na Terra e em terra de Espanha estamos.

— Tendes af o Peripato e não o dizíeis? E na mão; dai-mo para aquecer os pés na sua cabeça, urna de silogismos.

— Não mofeis do filósofo mestre de mestres.

— Ah, senhor Cano, como êstes despenhadeiros; ah, senhor Nieves, quão atrasada me parece a sua teologia, agora que tanto viajai por outros mundos mais altos!

— Não faleis disso e procuremos onde cear.

— Ah, Tirso; ah, frade! Sois como o vosso clérigo. Não chamareis bom a Deus enquanto não ceares? Ceai *ex nihilo*, porque outra coisa não há por aqui, pelo que vêjo.

— Sem ser eu, meus senhores, tão ilustre lógico como esta glória de Trento, nem menos teólogo, como não seja em verso, creio que antes da ceia, que não é idea simples nem dá categoria, devemos pensar no sitio, no lugar, que já dá categoria. Porque eu,



por agora, duvido que estejamos em parte alguma. E, onde não há espaço, não ha ceia.

— Mas há frio, senhor Calderon.

— Lope tem razão. Procuremos orientar-nos. Isto é, oriente agora não se pode buscar, mas, segundo eu pude deduzir quando caímos, já perto dêste globo, à luz do Sol, e antes de penetrarmos nas núvens de neve, estamos dentro da Espanha, sôbre altíssimas montanhas, não muito longe do mar; assim, êstes devem ser os Pirinéus, e talvez os da minha terra, porque eu, meus senhores, sinto um certo bem-estar a que vossas mercês não aludem.

— Parece-me natural, insigne Jovellanos, que sejais vós, de tempos de melhor bússola que os nossos, quem nos deixe adivinhar onde estamos. Mas eu daria o meu *Buscon* (1) por uma «buscona» que agora me fizesse topar, não com a mãe de Vénus, mas com o seu digno esposo Vulcano, para que me fabricasse uma cama onde dormir, menos fria que êste solo.

— Eu volto, meus senhores, ao meu Aristóteles e digo...

— Teólogo, tendes razão; sejamos peripatéticos, discorramos com os pés, e vejamos se à força de discorrer, provamos qualquer coisa... qualquer coisa quente.

Uma nova voz ressonou naquelas solidões com suave música; era a de *Fr. Luis de León*, também expedicionário, que dizia:

— Queridos amigos, esta noite deve ser mais de penitência, de jejum, que de fartura; porque, falando com franqueza, a nossa volta ao mundo terrestre mais me parece castigo que outra coisa. Pecamos, pecamos; pequei eu, pelo menos, — e se em boa teologia isto não se pode chamar pecado, chama-lhe D. Melchor como quizer ou convenha; — pequei, repito, desejando o que na solidão da minha felicidade, lá em cima, nunca julguei que se poderia desejar. Ai, sim! O engano, como sempre. O mesmo desengano. Nesta terra escura, sepultada na noite e no esquecimento, que me restará? Se vivia na alma, região reluzente, porque querer, como quis,

(1) Refere-se ao célebre livro de Quevedo.



saber algo da mísera Terra? Foi vaidade, sem dúvida. Movem-me o apetite de saber se aquela larva que eu por cá tinha deixado, e que o mundo chamou minha glória, se tinha desvanecido, como os meus despojos, ou se alguma coisa dela ainda restava, embora não fôsse mais que um sôpro que voasse calado pela montanha...

— Ai, senhor Fr. Luís de Léon! — interrompe Lope — creio eu que a todos nos assalta o mesmo remorso. Eu, que ao morrer disse, segundo contam, porque já não me lembro, que daria tôdas as minhas comédias, que eram fumo, por um pouco de graça ao entregar a alma a Deus, vêjo-me aqui agora *desterrado* do céu, se assim se pode dizer, pela pícara vaidade de cheirar se alguma coisa ainda se fala no mundo do montão infinito das minhas coplas.

Todos foram confessando pecado semelhante. A todos aqueles ilustres varões lhes tinha picado a môsca venenosa da vanglória quando gozavam a glória não vã, e queriam saber o estado da sua fama na Terra. Lembrar-se-iam dêles cá em baixo? E o castigo fôra deixá-los cair, juntos, em montão, das divinas alturas, sobre aquela neve, aqueles picos, rodeados pela noite, padecendo fome e frio.

Como puderam, a muito custo, começaram a caminhar sobre a neve, procurando descer, para ver se encontravam mais abaixo rasto de senda que os guiasse à vivenda humana, ou, pelo menos, a lugar menos desagradável, onde esperassem pelo dia e aguentassem a fome. Porque é de admitir que aqueles *desterrados* do céu, logo que pisaram terra voltaram a sentir tôdas as necessidades próprias dos que andam vivos por êstes vales de lágrimas.

Jovellanos, por vários sinais topográficos, e mais por revelações do coração, insistia na sua idea de que estava sobre alguma montanha de Astúrias. Os outros chegaram a acreditar nêle, tomando-o como guia e seguiam detrás dêle, deixando-o guiar a milagrosa cavavana ao longo das palpáveis trevas.

— Quanto a mim, meus senhores, estamos nalgum dos altos que separam Léon da minha terra.

— Então, à fé de Quevedo, que já sei quem nos vai dar albergue. O urso de Favila.

— Esse não; mas outros não devem andar longe.

Lope observou que o terreno que chegára a pisar apenas tinha uma leve camada de neve e era plano.

— Não tão plano, por Cristo! — gritou Quevedo — que tropeçou e foi dar com as mãos na branca alfombra. Sentiu no tacto uma coisa dura duma superfície convexa e polida.

— Meus senhores — exclamou — aqui há história; tropecei com os pés numa barra e tenho outra nos dêdos.

Agachou-se Jovellanos e os outros depois dêle, notando que sob a neve se estendiam duas varas paralelas e duras como ferro...

— Isto deve ser um caminho — disse D. Gaspar; — talvez que os modernos atravessassem estas montanhas de modo que nos parecesse milagroso, se o vissemos... Eu tenho escrito uma viagem que intitulo de *Madrid a Gljón*, e manifesto nela o desejo de algum dia...

— Valha-nos Deus!... — interrompeu Calderón; — entrámos num antro, numa candeia... aqui toco uma parede fria e tôda encharcada... e aqui outra parede...

— Entrámos, ao que parece, na cova dum urso. Já temos albergue. Deus nos livre do hospedeiro...

Quevedo calou-se de súbito e todos ficaram espantados com um grito terrível, intenso, que se ouviu ao longe; um silvo ensurdecedor e poderoso, de monstro desconhecido... E, de repente, viram a grande distância, um ponto vermelho de luz, que se aproximava; e ouviram estrépito de correntes e milhares de choques de ferro contra ferro, bramidos horrisonos. Um monstro imenso, negro, que se lançava sobre êles para os devorar, fê-los cair a terra, de terror. Todos se coseram, ao comprido, com a parede fria que suava uma ascorosa humidade. Quasi todos fecharam os olhos; mas alguns, como Fr. Luís de Léon e Jovellanos, tiveram a coragem de contemplar o perigo, e viram passar, como um relâmpago, um imenso dragão negro, vomitando brasas, rodeado de fumo...

— Não caímos na Terra; caímos no Inferno — disse Quevedo, quando todos já estavam levantados, um pouco menos assustados, se bem que não completamente tranquilos.

— Saíamos desta cova maldita, se pudermos — propôs Tirso.

— Voltemos para trás...

— Isso! Uma honrosa retirada...

Saíram como puderam daquela cova, antro ou o que quer que fôsse; e, não tendo nas trevas modo de se orientarem melhor, procuraram seguir a direcção que indicavam aquelas barras de ferro, que, de vez em quando, sentiam debaixo dos pés.

— Isto é um caminho, senhores; não resta dúvida, — disse o autor do *Informe sobre la ley Agraria*.

— Um caminho infernal.

— Não, D. Francisco, não; um caminho... de ferro, pois ferro é o que pisamos.

— Seja; mas é coisa do diabo. Como provais que estamos na Terra? Cria a Terra monstros, como êsse de fogo, que quasi nos destroçou?

— Quem sabe — disse Fr. Luís — se os pecados dos homens converteram o mundo em mansão de terríveis feras trazidas do Averno?

— E é aqui que nós viemos buscar glória mundana! E pensávamos que na Terra ainda havia memória de nós, e a Terra é vivenda de serpentes e monstros horrendos e formidáveis! Oh, quem nos arrancará daqui?

— Sigamos, sigamos — disse Tirso.

— Senhores, atenção — exclamou Lope, que ia adiante com Jovellanos — ou o mêdo me faz ver as estrêlas ou uma brilha na nossa frente.

— Estrêla terrestre? Chame-se-lhe candeia.

— É verdade — disse Tirso; — ali há uma luz verde... e mais abaixo, não vêem outra avermelhada?...

— Vemos, e até parece que se move...

— Não há dúvida!... E vem de encontro a nós... Que fazemos?

— Senhores, à fé de Quevedo, que me canso de ser cobarde; eu não me movo daqui; venha o que vier, mais pode em mim a ânsia de saber que mundo é êste e que monstros nos assustam, que o amor à pele...

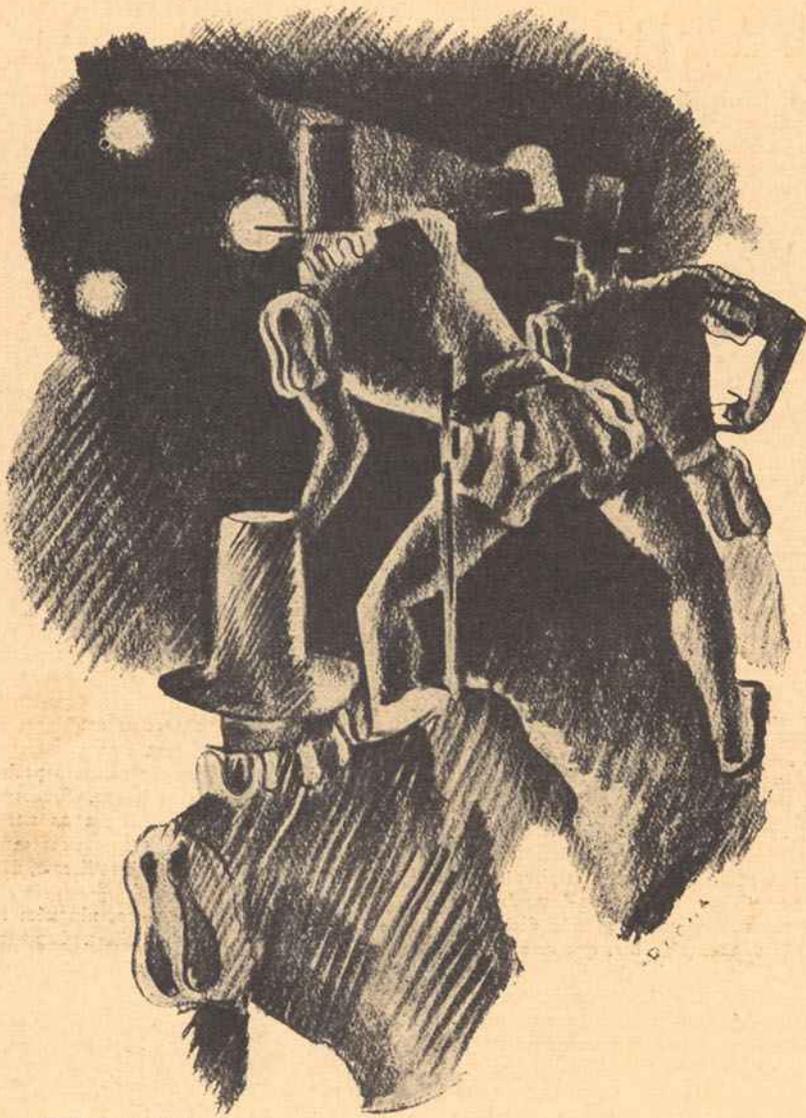
Ninguém quis ser menos valente; e todos, a pé firme, esperaram o terrível perigo desconhecido que se aproximava.

A luz, quasi rastejando, avançava, avançava... De repente, um silvo estridente fêz estremeecer o espaço; cem ecos dos montes repetiram com um côro de gemidos prolongados o melancólico estrépito... Embora a escuridão fôsse muita, puderam os nossos heróis descobrir entre a neve uma massa negra, que, com marcha lenta e uniforme, dêles se acercava.

Ninguém se lançou a terra, ninguém tremeu, ninguém fechou os olhos. Como um



imenso verme de luz, o monstro tinha sob a pança bastante claridade para que, através dela, se pudesse distinguir a figura. Era um terrível unicórnio, que pelo corpo negro arrojava faísca e uma coluna de fumo. Montado no lombo de ferro levava um diabo, cuja cara



negra puderam vislumbrar à luz duma pequena candéa com que o tal demónio parecia estar vendo as pulgas à sua cavalgadura infernal...

Passou a visão espantosa roçando quasi pelos assombrados imortais, que, para não serem atropelados, tiveram que recuar um passo...

Quevedo, decidido a ser quem era, e Jovellanos com ânsia infinita de saber algo novo e inaudito, olharam com atenção firme, cara a cara, o endriago que se lhes lançava em cima, e os dois, ao mesmo tempo, em alta voz, sem saber o que faziam, exclamaram:

— «Tirso de Molina!»

— Presente — disse o frade.

— Não é isso — exclamou o autor do *Buscón*. — É que no lombo desse monstro de ferro que acaba de passar, à luz da lanterna daquele diabo, li em letras de ouro... isso: *Tirso de Molina*.

— O meu nome?

— Sim — disse D. Gaspar. — Tirso de Molina; em letras doiradas, grandes. Eu também li.

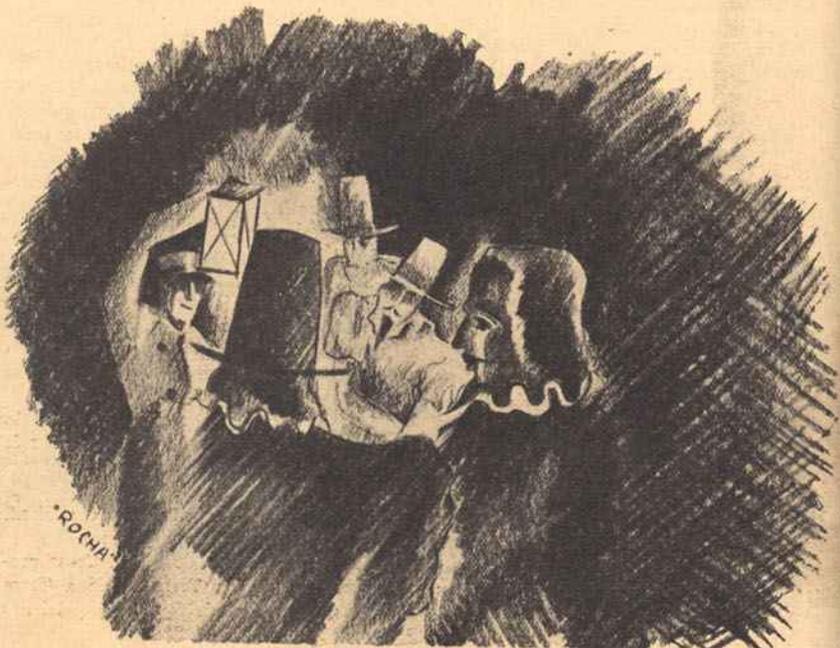
— É que devemos pensar? — perguntou Alonso Cano.

— Nada bom — disse Lope de Vega.

— Nada mau — disse Quevedo.

Naquele momento, o monstro, que se cha-

mava como o mestre Tellez, retrocedia, detendo-se, pacífico, humilde, sem ruído, perto



dos pasmados hóspedes celestiais. «*Tirso de Molina*», leram todos no costado do suposto monstro. Um homem coberto com um capote pardo, alumiando-se com uma lanterna, passou perto deles, e deteve-se a inspecionar o extranho artefacto, que por tal o começaram a tomar *Jovellanos*, adivinhando um pouco do que se tratava.

— Senhores, disse o desconhecido em bom castelhano, ao notar que vários cavalheiros, alguns deles frades, rodeavam a máquina — saibam que o combóio pára muito pouco tempo aqui.

— O combóio? O que é isso? — perguntou Quevedo.

— Mas onde estamos? — disse *Don Gaspar*.

— Então não ouviram? Em Pajares.

Trocaram-se explicações. O moço da estação julgou que falava com loucos, e deixou-os na escuridão; mas *Jovellanos* foi atando cabos, e, pouco mais ou menos, aqueles ilustres varões ficaram sabendo de que se tratava.

Estavam na Terra; os homens atravessavam as montanhas em máquinas rapidísimas, movidas a fogo, e essas máquinas chamavam-se... como eles! Aquela, *Tirso de Molina*; outras, decerto, chamar-se-iam *Jovellanos*, *Quevedo*, *Cervantes*... e os restantes filhos ilustres de Espanha.

— Senhores — disse *D. Gaspar* — o mundo não está perdido nem vós esquecidos. Ilustre poeta mercenário, que diz vossa mercê a tudo isto? Sabe-lhe assim tão mal que a este portento da ciência e da indústria lhe tivessem posto os homens deste século o pseudónimo glorioso de *Tirso de Molina*?

Tirso sorriu-se, e declarou com toda a sinceridade sentir-se satisfeito por se ter encontrado com tal homónimo.

— Verdade seja que não o sinto. Mas a mau mundo viemos se queríamos, para sempre, curar-nos de vaidades.

— Oh, quem sabe, quem sabe! Talvez não seja assim — observou *D. Gaspar*. — A glória que o mundo dá não é glória; mas agradecer a lembrança, o carinho dos míseros mortais, talvez não seja indigno dos bem-aventurados.

(Exclusiva da «Ilustração».)

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE TRABALHO PADRÕES DE NOBREZA

LENDAS E TRADIÇÕES, GLORIAS E VERGONHAS



PONTE DO LIMA — Casa da Granja, Arcozelo
(Escadaria e Torre)

O «POÇO DA LITEIRA» E A «MAL-DEGOLADA»

Por estas veigas fora, entre Viana e Ponte, extasiam-se os olhos no deslumbramento da paisagem, a mais bela, mais rica e sensual, talvez, que em todo o Minho se admira. A fita da estrada, à margem direita do Lima, vai enlaçando, umas nas outras, freguesias alegres, de côr variegada, como compondo um formoso ramo de rosas.

A cada passo nos apontam velhos alfarrabios e crônicos nomes de antigos solares, uns destruídos já pelo tempo, outros vivendo ainda mutilados ou transformados, alguns de aparência mesquinha, sem nenhuma grandeza, raros irradiando um reflexo do apagado esplendor.

Nesta freguesia do Fontão, que o «Chrysler» rápido e possante vai cortando, havia muitas dessas casas nobres; mas só uma se impõe ainda à nossa admiração, jóia perdida, abandonada num descampado: a *Casa Grande*, solar dos Amorins, clássico modêlo da casa portuguesa do século XVI, com portal ameado, braço e coroa de rico-homem.

«Pátio quadrangular, seu poço ao lado esquerdo. Torre, duas salas, escada exterior de

granito; cravos floridos, heras, silêncio; passam séculos, revivem mortos, encadeiam-se genealogias, safam-se histórias, brilha a história.

«Fora do portão — altos muros — cresceu a erva desde a passagem da última cadeirinha; e nas lages enormes, quadradas, do caminho, ficou rasgado o sulco do último carroção armoreado». — (*Conde de Aurora — «Roteiro da Ribeira-Lima»*).

Saiu desta casa D. Lourenço de Amorim, que

Se bem apurares o ouvido, leitor, perto destes sítios ficarás impressionado com um rumor surdo e cavo, que parece provir das entranhas da terra, como se houvesse lá por baixo matérias inflamáveis em ebulição. Aquele poço, de água límpida e barrenta, será porventura um boqueirão do inferno? A sua história é trágica...

Em recuadas épocas, fêz furor em Viana o aparecimento dum moço robusto e galhardo, belo semblante, galanteador com as damas,



PONTE DO LIMA — Casa do Antegrão — Arcozelo

na defesa de Valença se comportou com tal valentia que mereceu de D. João IV a outorga do título de *Dom* para si e seus descendentes. Uma senhora desta família, D. Clara de Amorim, casou com um filho segundo dos Viscondes de Asseca.

A casa está actualmente na posse da família Bertiaños.

indiferente às invejas ou ameaças dos cavaleiros. E, enquanto aquelas se queimavam no fogo vivo do seu olhar, estes preferiam esquecer os despeitos nas cavalladas e torneios com que o generoso Álvaro Peres os enleava.

Entre os velhos nobres, um havia, Rui de Sousa, a quem as neçaças do desconhecido não atraíam. Mas sua filha, D. Mecia, que era con-



PONTE DO LIMA — Convento de Val-de-Pereiras (reconstrução)



PONTE DO LIMA — Convento de Val-de-Pereiras (Portal bronzado)

siderada a mais bela e recatada fidalga de Entre Douro e Minho, foi uma das primeiras borboletas que o aventureiro crestou com seu olhar ardente.

Um dia soube-se tóda a verdade, a horrorosa e brutal verdade: Alvaro Peres era judeu; não podia amar e muito menos desposar uma cristã. Não foi difícil convencer a jôvem a que só o convento deveria ser túmulo da sua afeição, do seu primeiro amor. Nas celas tristes e soturnas de Sant'Ana, onde procurava incendiar-se agora em amor divino, a imagem do moço galante não se lhe desvanecia dos olhos e da imaginação: Aproximando-se o dia de envergar o hábito, ralada de remorsos, quis ter uma explicação com a prelada do convento, sua tia D. Guiomar de Sousa. Não podia, era-lhe impossível consagrar-se a Deus. Alvaro Peres seguia-a, acompanhava-a por tóda a parte. Via-o no refatório, na cela, nos corredores, no coro da igreja, quando fazia oração em alucinações de delírio, quando dormia em sonhos deliciosos. E, supremo sacrilégio, mesmo quando fitava Cristo na cruz, via nele a imagem do seu amado, parecendo ser êle ainda que lhe entrava no peito quando comungava a própria hostia consagrada.

Confortou-a e animou-a a prelada com bons conselhos, e a noviça recolheu ao côro para

fazer a sua velada derradeira, em prece feroz, antes da profissão soléne. Em dado momento, pareceu-lhe ouvir um ruído. Devia ser lá fora. A noite era tempestuosa, de trovoadas. E que bem se estava ali, naquele retiro tranqüilo, num alheamento de tudo que era mundo, que era exterior!

Mas o ruído repetiu-se, mais sensível, mais perto, parecendo-lhe partir agora dum oratório cujas cortinas ocultavam uma grande imagem do Crucificado. Ganhando ânimo, levantou-se, correu a cortina e os seus olhos caíram logo, não na imagem do Cristo mas na do seu namorado, que lhe surgia assim ao vivo, em corpo e alma, materializando o seu pensamento constante.

— Venho arrancar-te a êste sepulcro. Anda comigo!

Enlaçou-a pela cinta, a ela, sem coragem para resistir, deixou-se-lhe cair nos braços.

Como se tivesse refugiado, no seu espanto, junto do crucifixo, êste, quando ela se desprende, desequilibrou-se e desfez-se em pedaços.

— Estão desfeitos os meus desposórios com Deus; serci tua para a vida e para a morte. Vamos!

teira. E imediatamente o solo fendeu-se, lingua de fogo lambeu o espaço, densa fumada espalhou à roda um cheiro nauseabundo.

Quando os cavaleiros, repostos do susto, apuraram mais a vista, a liteira havia desaparecido com os dois namorados, no lugar ficara apenas êsse poço, e nas suas águas límpidas e barrentas flutuava um véu de noviça.

Fujamos, leitor, dêste boqueirão do inferno e vamos seguindo até à próxima, antiga vila de Bertandos, que já conheces. Todos te dirão, ainda, se o preguntares, onde é a fonte. «Mal-degolada». Em frente, para além do rio, na encosta verde e aveludada, penduram-se densos cachos de freguesias. Lá se descortina a Facha. Era ali o solar dêsse formoso e valente Rui Mendes, que fôra o terror dos sarracenos, o mais simpático galanteador que as moças desta região conheceram.

Quando êle passava, montado em seu fogoso alazão, para as montarias dos veados e javali num grande tropel de homens de armas, não havia rica-dona ou camponesa que não cobiasse um dos seus olhares apaixonados.

Um dia deixou de aparecer nas correrias, na caçadas e nos saraus. Tôdas as donzelas and-



PONTE DO LIMA — Casa Abreu Maia — Arcozelo

Dado o alarme, em breve percorriam todos os caminhos soldados de cavalaria à procura dos fugitivos. Os que vieram para êstes lados, não tardaram a descobrir uma liteira ao longe, como perdida nos campos. Quando se aproximavam, açodados, uma praga terrível, sacrilega, que ninguém jamais ousou repetir, saiu da li-

vam tristes pela ausência do moço-cavaleiro. Mas quem se aproximasse da antiga tórre, que havia perto dessa fonte, facilmente descobria o mistério.

Rui Mendes, tendo raptado uma linda moira, nas suas alagoas contra os sarracenos, encerrara-a naquela Tórre e ali vinha tôdas as noites desfiar o rosário das mutuas juras de amor, ambos prêses duma paixão que só a morte devria extinguir.

Certa noite, quando o barco que o transportava tocou na margem direita do rio, não encontrou Rui Mendes a esperá-lo, como sempre fazia, a gentil dona do seu coração. Desconfiado, correu à Tórre e chegaram-lhe ao ouvido vozes de homem e demulher. Era ela que falava com um desconhecido, outro indecifrável na espessura do arvoredo que ensombrava a fonte.

Desvairado, louco de ciúme, correu para a moira e rasgou-lhe o pescoço com uma faca de mato. Voltando-se para cevar a sua fúria no vilão, através duma nuvem de sangue, que lhe toldava o olhar, reconheceu no vulto até ali indecifrável o eremita da Serra de Arga.

E enquanto Rui Mendes, tomado de espanto, deixava cair das mãos a arma assassina, tranqüilo e grave, o eremita inclinava-se para o corpo ensanguentado, exclamando:

— Um momento, filha; como querias ser cristã, não morrerás sem a graça do baptismo.

E, enchendo na água da fonte o côncavo da mão, espargiu-lhe o rosto dizendo soléneamente: «Eu te baptizo, Maria, em nome do Padre, do Filho e...». Não pôde concluir, porque a desgraçada exalava nesse momento o seu derradeiro suspiro.

Como lhe faltaram palavras do baptismo, a «Mal-degolada» ainda agora anda penando po-



PONTE DO LIMA — Casa da Granja, Arcozelo (Escadaria e varanda)

estes sítios, com suas roupagens brancas flutuando ao impulso da aragem, rosto de formosura incomparável, e tão branco e suave como a suave e branca luz do luar. Há mesmo quem julgue ouvir-lhe a voz, de que se desprendiam tão doces harmonias, «que os passaros vinham escutá-la e aprender-lhe o canto».

E é por isso «que ainda hoje os pintasilgos de Bertlandos teem nus trinados que em nenhuns se ouvem. Não-de ser cantigas dos cirados da Moiramas. (Conde de Bertlandos — «Lendas»).

UMA FAMÍLIA ILUSTRE

Deixando ao lado o faustoso e imponente palácio de Bertlandos, de que já falámos, e como o «Chrysler» tem pressa em galgar o resto de estrada que nos separa de Ponte, penetramos na freguesia de Arcozelo, inesgotável viveiro de casas nobres, como já também notamos.

Logo à entrada da povoação, numa curva da estrada, a primeira casa com que se topa é a da família Abreu Maia, hoje representada pelo distinto escritor e investigador sr. dr. Francisco de Abreu Pereira Maia.

Houve nesta família homens ilustres pelo seu

- 1.º — Criar uma Biblioteca de Economia Política.
- 2.º — Promover a compra de máquinas industriais e agrícolas e adquirir plantas e sementes para repartir pelo povo, ensinando a sua cultura, uso e aplicação às artes e indústrias.
- 3.º — Instituir prémios para os beneméritos que resolvessem algum problema sobre agricultura, criação de gado, artes ou indústrias locais.
- 4.º — Proceder à fundação de escolas patrióticas de artes e ofícios, com ensino gratuito de agricultura, fição, tecidos, etc.

Um irmão do frade, o dr. João de Deus de Abreu Maia, foi o mais entusiástico e acérrimo propulsor da Sociedade, que conseguiu sustentar-se, com vária sorte, até o ano de 1786. Foi um arrojado empreendimento, cujas bases doutrinares precederam pelo menos um século as modernas tendências económicas em sua aplicação às indústrias e à agricultura.

O CONVENTO DE VAL-DE-PEREIRAS

Num outeiro que ao poente domina a freguesia de Arcozelo, varrido de ventos, com encantadora vista panorâmica, ficava o antigo Convento de Val-de-Pereiras, hoje transformado numa esplêndida e sumptuosa casa de campo,



PONTE DO LIMA — Antigo cruzeiro em Arcozelo



PONTE DO LIMA — Casa da Granja, Arcozelo (Portal com dois braços e ao fundo o solar)

Compostela, parara em Ponte-do-Lima, talvez enamorado, como poeta panteísta que era, das suas belezas naturais, e aqui bebera numa fonte, perto da qual depois se fundou este convento, em fins do século XIV. Pertenceu a frades Menores, dando à Igreja e à Pátria varões ilustres. Diz-se que foi um frade deste convento quem facilitou, com os irmãos Malhos ou Malheiros, a entrada na vila a D. João I.

Admira que o sr. dr. Figueiredo da Guerra, e outros ferventes admiradores de Castela, ainda não descobrissem o nome deste frade, para o fulminar com o ferrete da traição.

Como em 1480 se fundasse em Ponte-do-Lima o convento de Santo António, também de frades menores, que mais tarde seguiram a regra dos Capuchos, o papa Leão X autorizou que os frades de Val-de-Pereiras se juntassem aos da vila, passando para aquele convento as freiras clarissas de Santa Clara de Vila do Conde.

Depois da extinção das ordens religiosas, em 1834, andaram o convento e a cêrca nas mãos de vários proprietários, até chegarem ao seu último possuidor, já citado. Da construção primitiva apenas restam uns passos de muro, um portal ameado e brasonado, já de data posterior, e uma capela, mais recente ainda.

saber e virtudes, contando-se entre eles D. Fr. José da Expectação e o dr. Manuel José de Abreu Maia, lente de direito e juiz-de-fora na Figueira da Paz.

Aquele D. Fr. José da Expectação, no século José de Abreu Maia, foi monge beneditino e doutor em teologia, que ensinou em Coimbra, tendo nascido nesta casa em 1721. Professou no convento de Tibães, perto de Braga, do qual passou para o da mesma ordem em Coimbra, onde cursou a Universidade e se doutorou.

Escreveu numerosas obras didáticas, as quais serviram muito tempo de texto aos estudantes de teologia, tendo sido amigo íntimo do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, a quem voluntariamente e por dedicação pessoal acompanhou durante a sua longa e martirizante prisão no forte de Pedrouços, desde 1759 a 1777, no tempo do Marquês de Pombal, de que o bispo foi uma das vítimas.

Saíndo gravemente enfermo da prisão, D. José da Expectação veio convalescer na sua casa de Ponte do Lima onde, com seu irmão, o dr. João de Deus de Abreu Maia, fundou a Sociedade Económica dos Antigos do Bem Público. Foi o frade quem redigiu os estatutos desta Sociedade, aprovados pela rainha D. Maria I em 1780. Desinteressando-nos agora do homem, cujo alto valor ficou afirmado em numerosos trabalhos, desejáramos, se o espaço o permitisse, fazer mais circunstanciada referência à sociedade que ele fundou de colaboração com as individualidades mais ilustres que Ponte-do-Lima contava nesse tempo, e que à terra prestou incalculáveis serviços. Para que se forme ideia, porém, dos seus altos e patrióticos fins, bastará publicar uma síntese do seu programa :

de que é proprietário o capitalista portuense sr. dr. António Barbosa Martins.

É tradição local que S. Francisco de Assis, numa viagem de peregrinação a S. Tiago de



PONTE DO LIMA — Casa Grande, em Fontão



PONTE DO LIMA. — Convento de Val-de-Pereiras — a capela, vendo-se, ao fundo, à direita, um trecho do primitivo muro)

O VELHO ÓDIO POLÍTICO

Nesta mesma freguesia de Arcozelo encontra-se a chamada *Casa do Arrabalde de Além da Ponte*, dos Cunhas Tavoras Portocarreros, situada na rua Lima Bezerra.

Foi último possuidor desta casa e representante da família Alberto Continho da Cunha Osório de Tavora, casado com a sr.^a D. Maria do Carmo de Menezes Montenegro. Era também descendente desta família, pelo lado materno, o notável jurisconsulto e distinto escritor conselheiro Augusto Carlos Cardoso Pinto Osório, pai do dr. Artur Cardoso Pinto Osório, antigo notário e senhor da casa de Breia, em S. Paio de Iolda, um dos nossos amáveis e dedicados cicerones e informadores nesta excursão às velhas casa da Ribeira Lima.

O juiz-conselheiro dr. Pinto Osório, era neto de José António da Cunha Osório, morgado de Cepões, e de sua mulher, D. Maria Joaquina da Cunha e Távora, administradora dum vínculo constituído nesta casa.

Ponte-do-Lima foi uma das terras do Norte onde mais acessos andaram os ódios políticos



PONTE DO LIMA — Casa dos Gamas, Arcozelo



PONTE DO LIMA — Casa do Arrabalde de Além da Ponte

entre miguelistas e liberais, como o prova o caso, já por nós citado, do incêndio do solar do Conde de Paços Vitorino, ainda hoje conhecido por as *Casas Queimadas*.

Ora o morgado de Cepões tinha um irmão que andava emigrado por França e Inglaterra, por causa das suas ideias liberais, e teve ainda a desdita, ou honra, de ser amigo do grande D. Francisco de S. Luís, o célebre Cardeal Saraiva, um dos imortais nomes de Ponte-do-Lima. Este cardeal tinha duas irmãs que estavam em constante sobresalto por ignorarem o seu paradeiro, o que levava o morgado a procurar saber notícias políticas para as informar.

Contra ele e um seu filho, ainda menor, foi por esse facto formado processo e passados mandados de prisão, como perigosos demolidores do altar e do trono. Esconderam-se em lugar seguro, mas os inimigos, suspeitando que se encontrassem na própria casa de habitação, fizeram-lhe repetidos assaltos, chegando dumavez a mandar esconder soldados num fórrão do teto para que surpreendessem e prendessem os foragidos. Como na casa apenas viviam duas senhoras, a mulher e uma filha, o morgado apresentou-se com o filho à prisão, sendo conduzidos para a cadeia de Viana e ali julgados.

O pobre velho foi condenado a três anos de desterro para Miranda do Corvo, onde morreu, e o filho a metade da pena. A História tem muitos destes fatalismos.

OUTRAS CASAS

Entre outras muitas casas antigas desta povoação, destacaremos, por hoje:

A dos *Gamas*, espaçosa vivenda com capela, que hoje pertence aos srs. Bento António Gonçalves Pereira e seu irmão José Joaquim Gonçalves Pereira.

A do *Antepaço*, dos Melos e Sás, cercada dum bela quinta. Pertence hoje à sr.^a D. Guilhermina de Abreu Maia e a seu marido sr. Gonçalo de Abreu de Lima.

A da *Granja*, dos Lobos, de que era representante a família Tinoco.

É este um curioso e interessante exemplar de antiga casa portuguesa, com uma larga e imponente escadaria conduzindo à varanda elegantíssima, de balaustres e colonatas de pedra. Encontra-se em completo abandono, paredes fendidas e abauladas, ameaçando ruína.

Está situado num alto de soberbas vistas e rodeia-a uma enorme quinta cuja incultura revela o mais criminoso desmazelo.

Casas e terras assim em abandono deveriam ser expropriadas por utilidade pública.

REINALDO FERREIRA SOUSA MARTINS.
(Fotos de Alvaro Martins.)

A reportagem literária e fotográfica para a secção
«GRANDEZAS DE PORTUGAL»
 é feita em automóvel CHRYSLER
 de que é representante em nosso país a firma
 A. BEAUVALET
 LISBOA — Rua 1.^ª e D. 2.^ª de Setembro, 137
 PONTO — Rua de Santa Catarina, 73



UMA OBRA DE NOTABILÍSSIMA BELEZA

O FORMOSÍSSIMO QUADRO DO GRANDE PINTOR VISCONDE DE MENEZES, O GAINSBOROUGH DE PORTUGAL, «RETRATO DUMA FILHA DO ARTISTA» QUE FOI DOADO AO MUSEU MUNICIPAL DO PÓRTO PELA SR.^a VISCONDESSA DE MENEZES E PELO SR. TEIXEIRA GOMES, REQUINTADO ARTISTA E ANTIGO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, É UMA OBRA PRIMA DA PINTURA ROMÂNTICA EM PORTUGAL E A ÚLTIMA OBRA DO GLORIOSO ARTISTA

(Cliché Bobone cedido gentilmente pela sr.^a Viscondessa de Menezes)

ELSTREE, A HOLLYWOOD DA EUROPA



O Progresso súbito, fulminante, atingindo largamente o triunfo, da indústria britânica do filme, pôs em foco um nome «Elstree» que, dentro em pouco, será célebre nos anais da cinematografia.

Elstree é uma localidade próxima de Londres, onde a British International Pictures instalou os seus enormes *studios*, decerto dos mais notáveis

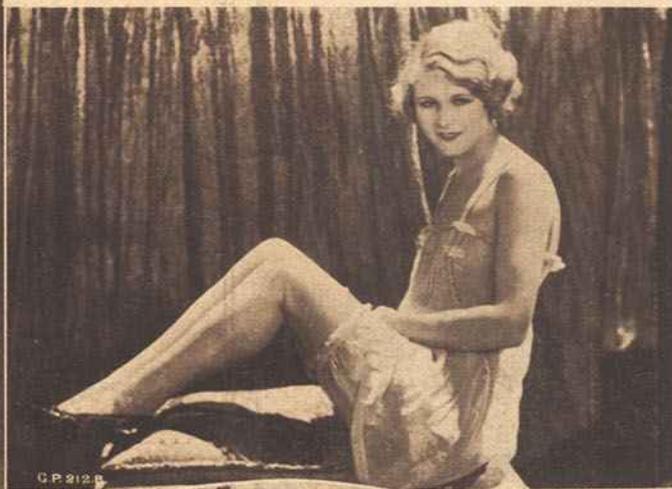
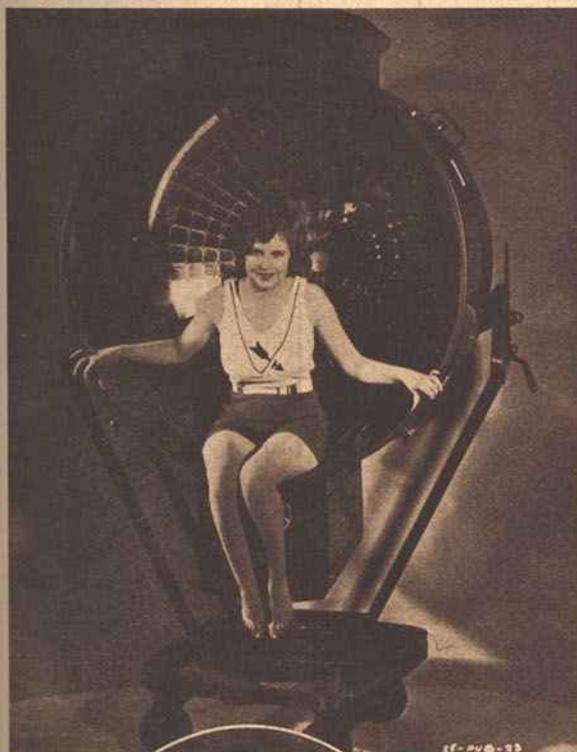
De cima para baixo e da esquerda para a direita:

Vista exterior de um dos *studios* da British, em Elstree.
Estelle Brody, a «estréla» de «Week and wives» e «Kitty»
Miss Blanche Adele, uma das mais formosas «estrélas» inglesas vinda do teatro para a scena muda



A travessa Eugénie Amami, a Clara Bow britânica, vencedora do *Cos curso de beleza* do «Daily Sketch» e «estréla» em «Spanish Dandies»
Warwick Ward, o galã de «Variedades» tal como aparece em «Intormers» com Lya de Putti e Lars Hanson, dirigida pelo dr. Robinson
Marguerite Allen, «estréla» de «Widcombe Fair»

do mundo como apetrechamento. Por isso, Elstree, será, dentro em pouco, a Méca da cinegrafia europeia. A falta de colaboração financeira americana arruinou, em parte, os studios berlineses, e a abundância de capitais é que há de fazer em Elstree a Hollywood da Europa. Já hoje ali se reúnem *stars*, encenadores, artistas, fotógrafos, dos melhores da Europa e da América, num trabalho vertiginoso executado em magnificas condições. Apetrechados para o cinema mudo, como para o sonoro, com a utilhagem mais moderna e perfeita, os studios de British já lançaram ao mundo «Moulin Rouge», «Show Life», «Picadilly», etc.



Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

Lilian Manton, a mais azoogada *flapper* de Elstree, posa dentro dum gigante projector eléctrico

Pauline Johnson, outro astro máxímo do cinema inglês, tal como aparece, para regalo dos espectadores, em «Flying Scotsman»

Uma linda cabeça é a de Heather Thatcher, que desempenha a protagonista de «Playthings», sob a direcção de Castleton Knight

Monty Banks, o cómico celeberrimo é uma das grandes figuras da «British Internationals» e um dos melhores artistas do mundo no seu difficil género

Um grupo de figuras célebres de Elstree. Entre outros Edwin Newman, Moore Marriot, Castleton Knight, Jean Jay, Lya de Putti, Pauline Johnson e ao centro o príncipe Chule, herdeiro do trono de Sifo



LISBOA NOCTURNA. — A ESTÁTUA DE AFONSO DE ALBUQUERQUE, EM BELÉM

João Martins
(Foto de João Martins.)

“UMA DAS CIDADES DE IGUAL GRANDEZA A MELHOR DO MUNDO,,

QUEM FUNDOU A CAPITAL DA CÉLTICA? — A FAMA E O ESPLendor DE OSSONoba SOB O DOMINIO ROMANO — AS TERMAS DO MILREU — A PRIMEIRA IGREJA CATEDRAL DO ALGARVE. — QUEM DESTRUIU OSSONoba? — A FLAGRANTE PARCIALIDADE DOS CRONISTAS CRISTÃOS

totius est orbis — escreveu Rasis, referindo-se-lhe (!).

Ossonoba, que foi designada por vários nomes, segundo os povos que a habitaram, chamando-lhe os árabes Exubana ou Oksonoba, estava situada — e ainda hoje lá se nos deparam



Volney, ante as ruínas imponentes do velho Egipto e da Síria, exclamou: «Eu vos saúdo ruínas solitárias, sagrados mausoleus, muros silenciosos!... Sois vós que enquanto o Universo inteiro escravizado emudecia ante os tiranos, proclamáveis verdades que eles abominam!»

Só pode bem sentir a ternura e a sinceridade destas frases aquele que dotado de sensibilidade, se aproxime um dia de uns alicerces esfacelados ou de uns muros em ruínas, semi-ocultos e enegrecidos pelo musgo — que é a tinta dos séculos.

A sua vetustés milenária nos dizem da sua grandeza já morta, da autoridade dos povos que por ali demoraram, da heroicidade e da cobardia, do carácter e da baixaza dos que por ali viveram antes que os cataclismos cósmicos e que o prazer de destruição peculiar do homem tivesse reduzido a um montão de pedras monumentos cuja imponência causam a nossa admiração.

Mas as pedras falam, e a sua linguagem é decifrável. Muitas nos segredam crimes hediondos e nos fazem antever barbáricos morticínios. Outras confundem-nos o crime de certo rei-parricida de Tyro e de sua irmã Elissa, e os de Agrippina e Locusta... Outras há que nos falam das glórias de Semiramis e de Hiram I e outras ainda nos murmuram da sabedoria de Abdemon e de Salomão...

Por isso as ruínas, que são os períodos iniciais dos capítulos da história antiga e que nos

ensinam a conhecer as gerações remotas, devem ser defendidas e veneradas como tesouros que, depois de perdidos, jamais se hão-de haver à mão.

Assim pensam todos aqueles que, amando a arte, alguma vez pisaram uns fragmentos de pedra que já pisados foram por povos extintos, ou se admiram e se comovem ante os mutilados labores de uma pedra que a mão paciente da antiguidade trabalhou com génio e arte.

Um povo que não vela pelas ruínas monumentais das suas terras elucida-nos da sua mentalidade e da dos que o governam. Esse povo, oriundo certamente de povos inferiores, devia ser afastado dos lugares que estão marcados por monumentos históricos, pois que a sua senhoria é perigosa para esses monumentos que lhe não pertencem nem a nenhum outro povo, mas à humanidade que tem ali as iniciais manifestações de arte dos seus primigénios e os prodromos que antecedem os primeiros capítulos da história da raça humana.

Sem quasi darmos por isso, iam-nos afastando do trilho porque enveredamos, subindo para um outro que talvez não seja propício para a nossa divagação. Oportuno é, pois, retroceder e limitarmo-nos a trilhar o fácil caminho que um «reporter» curioso pode percorrer nas veredas meandrosas das várias sciencias e artes.

Falar de Ossonoba é o nosso intuito, da anti-quíssima Ossonoba, que foi uma das cidades de igual grandeza, a melhor do mundo — *Civitas inter eadem magnitudine pares de melioribus*



Interior do templo em que se erguia o altar da divindade a quem as termas eram dedicadas

as suas ruínas — na Turdetânia, o Al-Gharb dos árabes, que é o actual Algarve.

Remotíssima é a data da sua fundação, que se entenebrece nos negrumes das primeiras épocas da pre-história. Um algarvio notável, referiu-se nos seguintes termos à velha cidade:

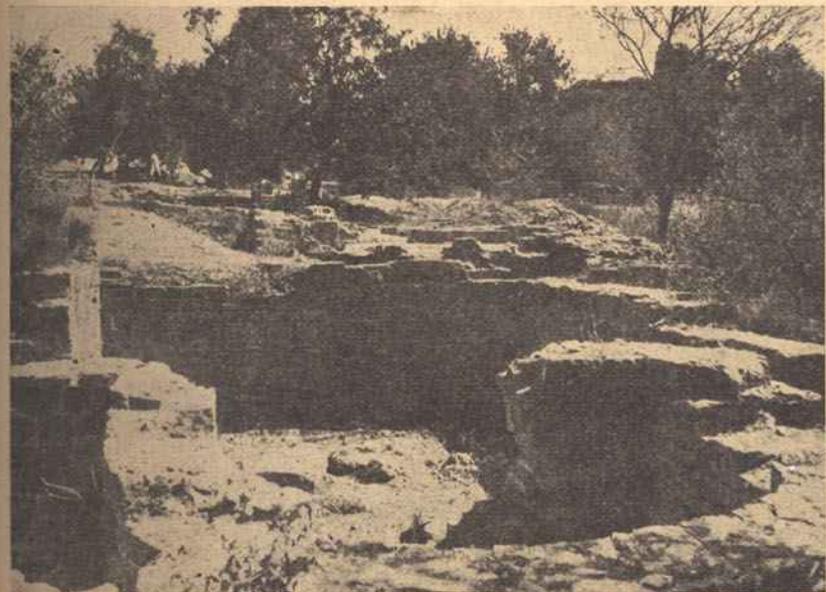
«Ossonoba, cidade lusitânica de origem muito anterior à data do domínio romano, que certamente assentou os seus fundamentos sobre um plano em que viveu uma população que desde a última idade da pedra prosseguiu a sua sucessão até à idade do bronze, como verifiquei em vários cortes que mandei fazer no acto de explorar parcialmente aquelas nobilíssimas ruínas...

«Existiu, portanto, naquele sítio e numa época anterior a todos os vestígios de construções uma população que conheceu os instrumentos de pedra, de cobre e de bronzes (!).

Ignora-se quem tenham sido os fundadores de Ossonoba, atribuindo uns escritores essa honra aos gregos que ali teriam estabelecido uma colónia pelos anos 2640 do mundo ou 1364 antes de Cristo. Outros atribuem-na aos cureses ou turdetanos, antigos povos da Turdetânia, cultos e distintos que se preservam de ter leis escritas

(!) Rasis, famoso medico árabe, cujo nome próprio era Abu-Beker, faleceu pelos anos 950. Foi traduzido por mestre Malamede e pelo P. Gil Perez, no retornado de D. Denis.

(!) Estádio da Veiga. — *Antiguid. Mon. do Alg.* 4.º vol.



Ruínas do «caldarium» e «laconicum»



«fmissarium» ou registo para alimentação dos banhos

Como atrás dizemos, foi sob o domínio romano que Ossonoba atingiu o seu máximo esplendor e são dessa época as ruínas do teatro que entristecem o sítio do Milreu.

Da sua importância nos falam as lápides que tem sido encontradas nas muralhas de Faro e das quais transcrevemos a seguinte:

IMP. CAES.
L. DOM. ITI^o
AVRELIANO.
PIO. FEL. AVG.
P. M. I. P. PP.
II. COS. PR^o C.
R. P. OSSONOB.
EX. DECE. TO ORDIN
D. N. M. EIVS
D. D.

Ao imperador César Lúcio Domicio Aureliano Pio, Felício, Augusto, Pontífice, Máximo Invicto, verdadeiro Pai da Pátria, pela segunda vez Consul, Proconsul, a República de Ossonoba, por Decreto da Ordem, A sua Majestade Divina dedico este monumento (*).

Uma outra lápida, que foi também encontrada nas muralhas de Faro, é assim traduzida por Fr. Vicente Salgado:

«Marco Cornélio Eridano e Gaio Juno Recepto, por causa da honra do Sexvirato, dedicaram esta lápide à sua custa» (†).

O facto de terem sido encontradas estas lápides e outras que não mencionamos, nas muralhas de Faro fez supor a alguns historiadores que Ossonoba teria florescido onde hoje assenta a capital do Algarve. Outros historiadores, porém, baseando-se no facto de no Milreu se encontrarem as ruínas de umas grandes termas, vestígios de um cemitério romano e ainda guiando-se pelo itinerário de Antonino, sustentam as afirmações dos primeiros, levando-lhes nisso vantagem, pois que documentam as suas afirmações. Outros ainda são de parecer que Ossonoba teria os seus assentos na povoação de Estombar, opinião esta que não deve merecer crédito, porquanto naquele sítio vestígios algu-

(*) *Atalhe de Oliveira. Monog. de Estol.*
(†) «Sexvirato é nome de dignidade, assim como Triunvirato, Decenvirato; etc. Eram chamados sexviro os indivíduos que no tempo dos imperadores romanos ocupavam este cargo na milícia egiptíaca e parece que gozavam a mesma honra e poder que antigamente tinham os legados militares ou capitães de cavalaria. Esta dignidade foi instituída pelos imperadores em Roma quando as cidades das colónias mais distintas e populosas eram governadas por seis cavaleiros, dando o governo das outras mais inferiores a dois ou a três. Vê-se que Ossonoba era cidade distinta pois merecia aquele número de governadores. A inscrição prova, mostrar que os dois cidadãos ossonobenses foram agraciados com a dignidade de sextumvirato e que em memória dessa honra levantaram um monumento à sua custa. — Gruter, Reines, Faicclati, cit. B. Lopes.

em verso e todas as suas antiguidades conservadas em livros de 6.000 anos anteriores.

Cada ano contava, porém, apenas três meses (*).

Parece quasi averiguado que se não foram os turdetanos os seus fundadores, foram eles pelo menos quem a reedificou e ampliou, facto aliás natural no povo mais distinto da península ibérica.

Historiadores há que atribuem também a fundação de Ossonoba aos fenícios, pelos anos 3100 do mundo ou 904 antes de Cristo. Parecidos leviana esta afirmação, pois quando os tiriano-fenícios vieram pela primeira vez à Turdetânia, no século XIV antes de Cristo, já Ossonoba devia existir. Esta nossa suposição baseia-se no facto dos primeiros navegadores turanianos, os pelagos, terem devassado as costas do Mediterrâneo e atingido mesmo a ibéria atlântica, deixando povoadores nos pontos onde aportavam e estabelecendo povoados. Quando os fenícios, assim como os gregos, chegaram às costas meridionais da península, apenas vieram comerciar com os povos que já aqui habitavam — tartessos, turdulos ou turdetanos e liguros (**). Estes povos, principalmente os turdetanos, que, como atrás dizemos, eram cultos e instruídos, deviam ter, indiscutivelmente, as suas povoações, entre as quais se distinguia Ossonoba, muito anterior a Cadix (Cadiz), que foi fundada pelos fenícios.

Ossonoba, cuja antiguidade está provada, atingiu o seu máximo esplendor sob o domínio dos romanos que a elevaram a capital da Céltica, que era pouco mais ou menos o actual Algarve. Desse esplendor, grandesa e opulência, restam apenas ruínas. Os seus nobres edifícios, habitados por um povo ilustre, escondem os últimos restos no amago da terra. Os seus campos, que eram cheios de vida, são agora uma solidão melancólica que o arqueólogo vai contemplar, não encontrando mais do que raros vestígios de uma grandesa extinta. Um templo a desmoronar-se é a sua mais visível antiguidade (**).

Assim se refere o sapiente arqueólogo algarvio às ruínas da famosa Ossonoba.

A velha capital da Céltica, anterior a Pom-

peia e Herculano, pois que é pre-romana, foi um centro comercial importantíssimo. A sua situação geográfica era aproveitada pelos mercadores do Mediterrâneo e África que em Ossonoba estabeleceram o que nós chamamos hoje bolsa de comércio. O estero (Estuário), hoje denominado rio Sêco, era a via fluvial aproveitada pelos navios para subirem até Ossonoba (**).

Este rio, como o seu nome indica, está quasi sêco, não sendo navegável até o Milreu (Ossonoba). Que era uma via de comunicação importante não resta dúvida, pois Rasis (***) diz-nos que por ele navegavam barcos e navios. Estácio da Veiga, na «Tábua de Bronze de Aljustrel», afirma que não há muitos anos se viam nos muros de Milreu as argolas de ferro a que se prendiam os barcos.

(*) «O denominado Rio Sêco foi, sem dúvida, em tempos remotos, de maior curso d'água, e hum das queles que tem sido entupidos pelas areias, como no mesmo Algarve se veem os Rios de... que admitindo outrora grandes embarcações, ao presente nem pequenas alguns admittem.» Mem. Ecl. da Agr. do Alg. — Baptista Lopes.

(**) «...mari vicina est, urbi sunt aliquot insulae parvae, cimbis de naviculis...» — Rêzende, cit. B. Lopes.



«Impluvium», tanque alimentado pelas águas pluviais e pelas do «dividiculum», destinado à natação (Piscina natalis)

(*) «...Les loix des anciens habitants de l'Espagne (litoral méditerranéico e Algarve) estoient également en vers qu'on chantoient.» Goguet Orig. de Loix et des Arts. Tom. I. — «Atque nunc Turditanorum similitudinem demonstrat industriam laborandi studium.» Strabão, cit. por Baptista Lopes.

(**) «...E outrossim na Ibéria Atlântica, onde illes (os fenícios) e os helenos aprenderam com os séculos, etruscos, sardos, tartessos, turdulos e liguros, todos afilhados no pelagismo, ramo étnico da raça dos turias, a orientação das derrotas, as provas da existência de novas terras e os primeiros incitamentos do seu génio marítimo.» Fenícios e Cartaginezes, por Pereira de Lima.

(*) Estádio da Veiga. Povos Balseenses.



Assento (sedilia) da sala de espera (apodyterium)



Os quartos do balneário (cubicula)

se encontram que assinalam a faustosa grandesa da remota capital da Turdetânia (1).

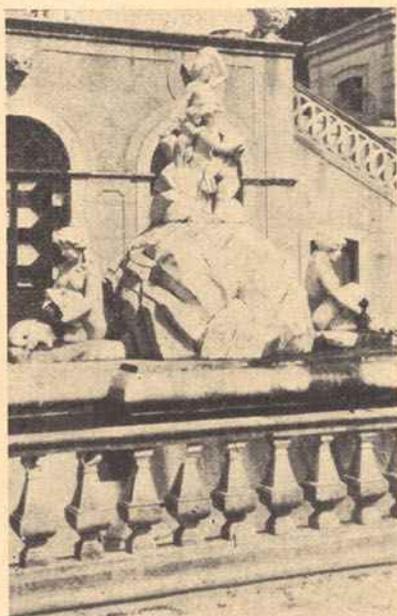
O documento mais notável que nos resta de Ossonoba são as ruínas das suas termas duplas, para homens (andronicum) e para mulheres (gineceum). Tinham diversas repartições: sala de ginástica; de conversação, adornadas com as suas cadeiras para o trato íntimo dos filósofos, retóricos e poetas; piscina de natção; parques e passeios; bibliotecas; jogos, etc., tudo enfim que pudesse entreter uma civilização tão rica e dada ao luxo.

«Nada lhes falta desde a *selaria e apodyterium* ou salas de espera e conversação íntima até ao *frigidarium, tepidarium e caldarium*, quer dizer, câmaras de banho frio, morno e quente. Também possuíam o *laconicum* ou alcova destinada ao banho de estufa e o *alochesium* ou cela íntima em que as damas se aromatisavam e adornavam. Estas termas do Milreu foram destinadas certamente ao uso de uma população positivamente luxuosa — povos ossonobenses.

A secção deambulatória acusa em primeiro lugar o *atrium* ou superfície rectangular com arcadas de passeio coberto, apenas destelhado ao centro e, outrora, ornada de colunas de mármore cinzento, cujos espaços inter-colunares eram, até cerca de um metro, preenchidos por galerias rendilhadas, também marniôcas.

«Do *impluvium*, tanque central alimentado pelas águas pluviais, ainda hoje existem vestígios. As paredes que ainda se erguem impavidamente pertenceram a um pequeno *templum pteripterum*, cujo fundo (absis) devia ter sido o místico santuário do altar da divindade a quem as termas foram consagradas (2). Todas as

lâmpadas encontradas deixam ver casos referentes a Vénus. Esta capela, votada ao culto politeísta, acusa vestígios de ter sido ladeada por



Uma cópia da fonte de Ossonoba, executada na galeria Androni, em Pisa, e existente no palácio de Estoi

um corpo colunar e sistema de abóbadas (pórticos) com balastradas e varandim para o recinto inferior, onde, em época mais próxima de nós,

mar até à notável cidade de Salacia, que dizem ser hoje Alcaçer do Sal, que dita a legoa da cidade de Évora, onde foi a sua cadeira episcopal. S. Manços, segundo o mesmo autor, foi testemunha da paixão e

foram praticadas inumações cadavéricas, sem traços de paganismo e evidenciando uma intencionada e categorizada distribuição funerária (3).

A testemunhar a importância de Ossonoba restam ainda algumas moedas cunhadas com o seu nome, das quais Frei Vicente Salgado viu uma no gabinete de um bispo de Beja.

Da grandeza da famosa cidade resta apenas um vasto terreno assinalado de ruínas, hoje, em parte, destinado a campo de lavoura «no qual os arados sómente arranham na superfície, por toparem com alicerces de edifícios». Nem já se encontram aquelas cimalthas lindíssimas, de ordem coríntia, a que alguns escritores do século passado se referem. De ano para ano, os selvagens nossos contemporâneos, com a aquiescência criminosamente de quem tal não devia permitir, vão roubando os mimos de arte que por ali ainda se descobrem. Os pavimentos, de curiosíssimo mosaico romano, que impediram Estácio da Veiga de prosseguir as suas escavações arqueológicas, pois considerou grave delito tocar em tal preciosidade, estão hoje completamente destruídos. Só alguns pedaços nos facultam incompleta noção da beleza desses pavimentos que constituem um documento notável de arte e paciência.

No passeio que realizámos, há pouco, às ruínas de Ossonoba, descobrimos ainda, numa parede do *Baptisterium*, um painel completo de mosaicos romanos que tem escapado à devastação naturalmente por estar encoberto com

morte de Cristo. Atribui-se, porém, a Santo Estácio a fundação do cristianismo no Algarve, sendo seu primeiro pastor e ministro apostólico da igreja da Turdetânia. Segundo a lenda, morreu de apedrejado no Monte Santo de Granada no ano de Cristo 57, durante a perseguição de Nero. Do bispo de Ossonoba, sufragâneo de Mérida, não se podem precisar os limites, visto que as divisões antigas se referem a lugares hoje desconhecidos. O primeiro bispo da igreja ossonobense foi Vicente, que viveu no fim do século III e o último de que há notícia é Agripio (o sétimo) que ainda tomou parte, por representação, no Concílio Toletano, celebrado em 625. Com o desaparecimento deste prelado desapareceu, também, a igreja ossonobense. — N. do A.

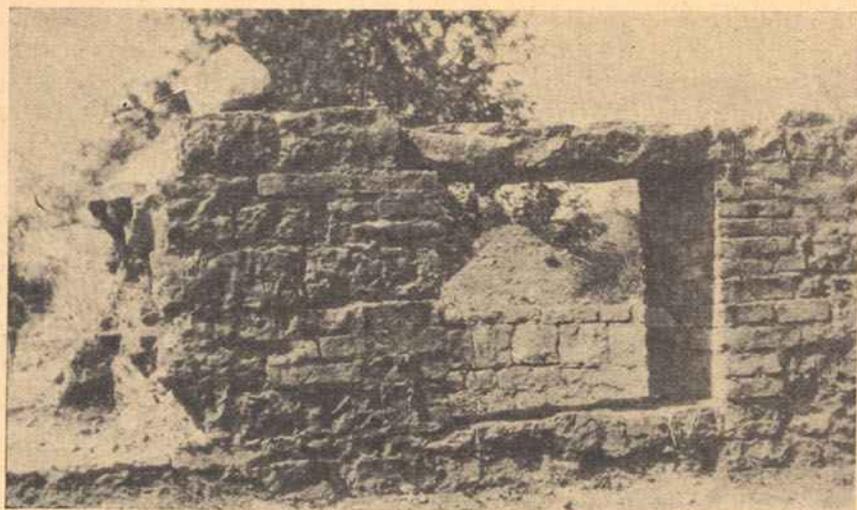
(3) Notas extraídas de um estudo do Milreu da autoria do falecido cônego Boto que foi conservador do Museu Lapidario Infante D. Henrique, de Faro.



«Baptisterium» quadrangular, com degraus (gradus) para o banho frio



Ponte romana, reconstruída, sobre o Rio Sêco, para acesso às termas



Fornalha (hipocaustis) que estabelecia a temperatura no «scaldarium»

uma espessa camada de musgo. Aqui deixamos o aviso para o primeiro selvagem que a complacência e o abandono dos poderes públicos permita que lá vá destruí-lo.

Motivo de cogitações tem sido o facto de uma cidade tão grande e famosa estar hoje olvidada, dela quasi já não restando um monte de pedras que avulte da sua grandeza de há mil anos. De facto é razão de meditações e de arguto estudo o desaparecimento e olvido quasi instantâneo de Ossonoba que Rasis, como já mencionámos, classificou de «uma das cidades de igual grandeza a melhor do mundo».

Quem destruiu Ossonoba, quem sobre os seus restos teria estendido o vasto sudário do completo esquecimento? Delicada interrogação que as crónicas cristãs pretendem explicar, lançando essa criminoso responsabilidade sobre um povo que, felizmente, vai sendo reabilitado dos barbarismos com os quais a maledicência, a ignorância e a intransigência religiosa quis denegrir a sua obra e a sua cultura notável que o tornaram distinto de todos os outros povos seus contemporâneos — os árabes.

Segundo a opinião de vários autores, os árabes invadiram a Península em 714, comandados por Tarik Ben Abdala Vanmo Azzanati, no reinado do califa Maruan.

«Estamos certos — diz um escritor — de que os árabes, no momento da invasão, eram muito mais ilustrados que o povo que vinham domi-



Escalatório (gradus) de ascensão ao vestibulo (pronaum) do templo



Sala de espera (apodyterium) com assentos (sedilia) de espalda

nar e certamente o Algarve ganhou muito com a invasão».

Diz outro: «É bem conhecida a influência que os árabes exerceram na civilização: foram portadores e cultores dos diversos ramos das matemáticas, e a eles se devem grandes progressos na aritmética, na geometria e na álgebra, cujo criadores foram; foram os primeiros que trataram as equações cúbicas, foram excelentes astrónomos, devendo-se a Arzachel, andaluz, engenhosas hipóteses sobre a excentricidade do sol e a construção dos relógios; foram os verdadeiros fundadores das sciências físicas, com foram excelentes agricultores e botânicos; foram médicos notáveis, como grandes juristas, sultos e óptimos literatos».

Pois é a este povo impulsionador da civilização que veio trazer conhecimentos novos aos povos do ocidente, que lhe entrega instrumentos de trabalho que ainda hoje usa, é a este povo... que se atribui a destruição de Ossonoba. É a este aglomerado distinto de homens que os cronistas cristãos, esquecidos da tolerância religiosa dos árabes, accusam de ter cometido o barbarismo de arrazar a famosa capital da Tarraconense!

«Introduzidos os africanos no Algarve — escreve Fr. Vicente Salgado — a sua barbaridade

fêz destruir a populosa e grande cidade de Ossonoba, arrancando de seus edificios e praças até aquelas columnas, lápidas e inscrições romanas, com que fôra adornada e condecorada no tempo daqueles dominadores (os romanos) e conduzidos estes respeitáveis monumentos. Estou para aumentar e fornecer os muros e fortificações da cidade de Faro».

É assim, tendenciosa e malévola, que as crónicas cristãs explicam a destruição de Ossonoba.

Como se justifica que apareçam, depois, nas fortificações de Faro muitas columnas e lápidas de Ossonoba?

Esclarecem-nos os vários autores que os árabes, depois de destruírem Ossonoba, reconheceram a necessidade de fundar uma nova cidade, escolhendo para isso o sítio onde se ergue hoje Faro. E para vincar mais a ferocidade e a ignorância dos árabes, evidencia-se o pormenor de eles occultarem as inscrições nos muros, voltando-as para dentro, colocando-as atravessadas e partindo outras. Como se os pedreiros, homens naturalmente escassos de letras, com a pressa que lhes era exigida no levantamento das muralhas, se pudessem preocupar com a disposição das inscrições cujo valor histórico lhes era em absoluto desconhecido!

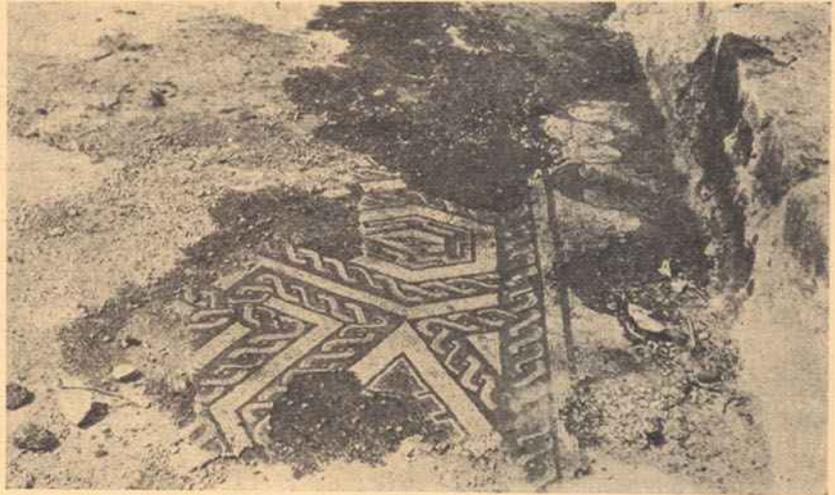
Santa ingenuidade de dos cronistas cristãos! O sr. Ludovico de Menezes, que escreveu na Imprensa acerca de Ossonoba, afirma e não concordamos absolutamente, visto que não há explicação mais verossimil, que a famosa cidade foi destruída por um terramoto. Levou-o

fazer esta afirmação o facto das colunas que existiam no Milreu, há uns lustros, estarem caídas na mesma orientação em que primitivamente se encontravam alçadas, todas dispostas em linhas paralelas seguindo a mesma directriz, inteiras umas, partidas outras em dois ou três bocados, mas enfrentados estes tópo a tópo.

«Só um tremor de terra podia causar aquela devastação geométrica, pois um acto de ferocidade humana imprimiria ao destroço que causasse uma feição de ruína e desordem caóticas e sem regra».

O facto apontado parece-nos suficiente para illar de tão pesada culpa os acusados, já por seus distintos atributos isentos de tão condenável suspeita.

Se, porém, êle não chega para esclarecer aquelas pessoas que acima da verdade e do bom senso poem a irredutibilidade gelada de um dogma, um outro facto há mais elucidativo e convincente que até hoje parece ter escapado à subtil argúcia cristã de cronistas e à perspicaz agudeza dos investigadores. Dissemos já que os árabes invadiram a Península em 714. Certamente e como atestam os cronistas, destruiriam tudo que se antepusesse à sua investida, deixando após si montões de pedras tingidas de sangue e brazeiros a extinguirem-se com a



Fragmento da pavimentação de um dos quartos (cubicula)



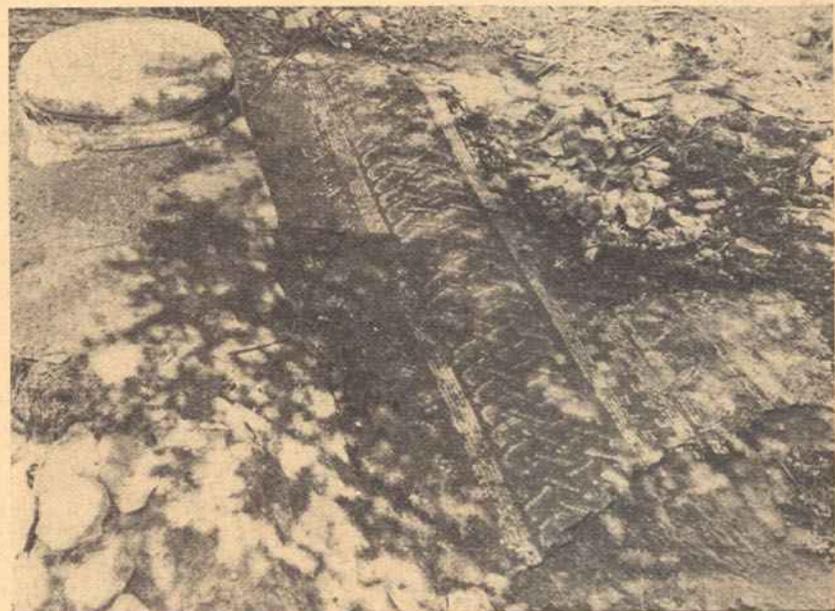
Restos da ábside do templo

aniquilada grandeza das nobres cidades. Devastação e morte, sintetizam nos seus relatos dessa época as crónicas cristãs.

Sendo assim e tendo naturalmente Ossonoba sofrido o aniquilamento durante a avalanche sangüinária da invasão, como se explica que quasi dois séculos e meio depois um mouro, o médico e geógrafo Rasis, nos faça uma descrição da cidade, classificando-a de uma das melhores do mundo? (1). E como se explica também que os árabes lhe tenham conservado o nome — Exabana — se, no dizer dos cristãos cronistas, êles a devastaram e entaiparam os seus monumentos nos muros de Faro para dela não ficar memória?

A resposta a estas interrogações será difícil para quem, acima da verdade demonstrada, pretender sobrepor as impertinências de um facciosismo inadmissível em assunto que não pode nem deve estar sujeito a excessos de espiritualidade mas apenas à lógica e ao bom senso. Ossonoba não foi destruída pelos árabes, mas sim arrazada por um cataclismo scísmico que destruiu também Myrtilis e Balsa.

É escassa a bibliografia sobre a remota capital da Turdetânia. Alguns livros e documentos



Restos da pavimentação e base de uma columna corintia de granito cinzento. — (Fotos do autor)

(1) «Exabana solo fertili, ac frumentario sita est, plana et fructifera arboribus consisto. Habet etiam pineta, et montes ad alienda pecora maxime accomodatos, hortus quoque irriguos multos, quoniam fontibus, ac fluentis abundat: electrum producit optimum, mari vicina est, ubi sunt aliquot insulae parvae, cimbis ac maculis ad usum et invectiones opportuna. Civitas inter eadem magnitudine parvas de mellioribus totius est orbis.» — D. Lopes. *Ibid.*

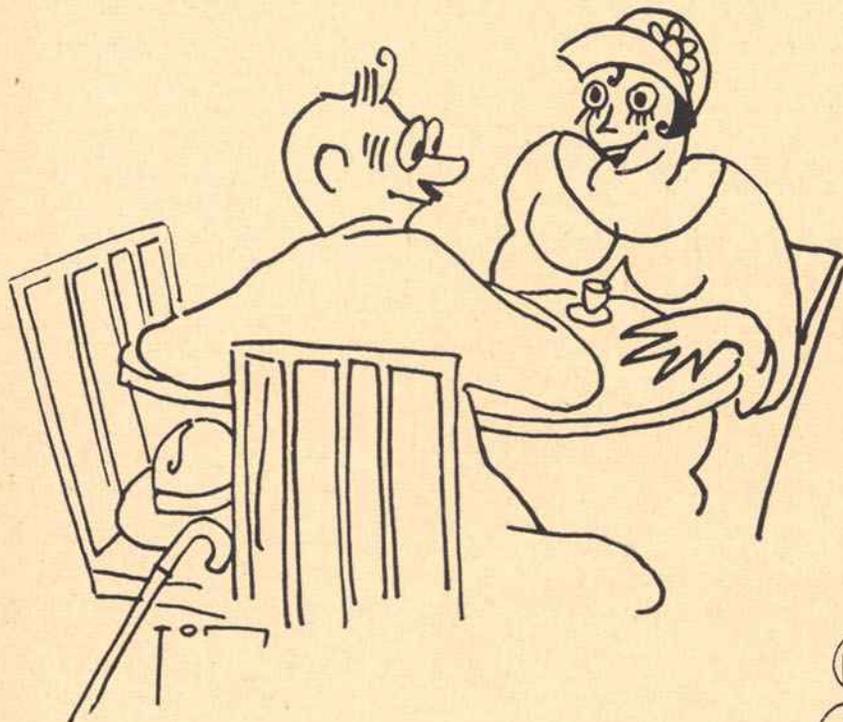
scenas da vida portuguesa os cinéfilos de café

UMA ESCOLA DE CINEMATOGRAFIA — NO SALÃO DA DUQUEZA — UM OBREIRO OSCURO E MODESTO — OS FOTOGÊNICOS — O IDEAL DE UMA «ESTRÉLA» — «COMO VEEM PERCEBO MUITO DE CINEMA»...

Tal como no cinema, quando, uma destas tardes sombrias de inverno, abrimos o guarda-vento de certo café da Praça dos Restau-

anos num terceiro andar de certo prédio da Trindade.

Não sabemos como fomos uma noite ali



parar. Numa casa ampla, mal iluminada, quâsi nua de mobiliário, alguns rapazes e raparigas silenciosos, seguiam atentamente a estranha manobra de um cavalheiro baixo, magro, que investivava impaciente uma raparigota pálida, face inexpressiva e desalentada de movimentos.

— Ao primeiro toque de apito — dizia o sujeito baixo — a menina entra no salão da duqueza. Faz menção de se deter no limiar da porta e dá ao rosto uma expressão de assombro. Compreende?... Assim...

E o cavalheiro baixo, num tregeito súbito, emprestou à face mal barbeada uma terrifiante expressão de espanto.

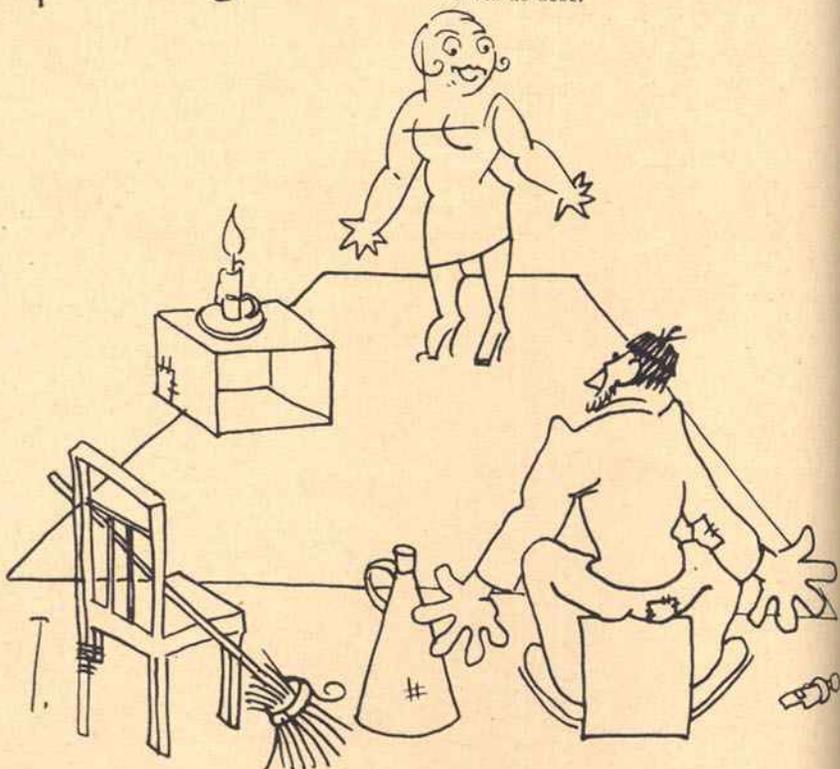
— Assim, percebe?... Ao segundo apito, precipita-se para a frente, de braços estendidos e ameaçadores. É quando Daisy surpreende os amores clandestinos do namorado com a feroz duquesa. Compreendeu bem? Ora, vamos lá ver agora se a menina já é capaz de fazer esta scena correctamente.

Fêz apitou, num apito de árbitro de «foot-ball», e a rapariga pálida avançou molemente, deteve-se sem precipitação e fêz uma careta de bébé.

radores, o que de chôfre se nos depara é uma densa nuvem de fumo de tabaco a envolver alguns vultos irrequietos, confusos, que esbracejam a sublinhar conversas, cujas palavras não ouvimos, cujo sentido se nos escapa. Depois, procurado lá dentro poiso cómodo, batidas as palmas ao criado, afeito o olhar ao ambiente que nos cerca, deixa a scena de ser cinegráfica para se converter em teatral.

Teatral, não apenas porque reconhecamos nos figurantes, isto é, nos frequentadores, algumas das figuras mais conhecidas do Teatro lisboeta, mas porque chegam bem distintas aos nossos ouvidos, frases soltas, fragmentos de diálogos, exclamações pessimistas, gritos de revolta e até palavras de amor que voam dos lábios ávidos de certos cavalheiros para as faces pintadas de algumas coristas duvidosas.

A um lado, fazendo apertado cêrco a uma mesa de mármore, onde duas chavenas vãsias de café, se encolhem envergonhadas entre um pelotão de copos de água, numeroso grupo, discute. Há fartas cabeleiras agitadas, faces rapadas, algumas barbas por fazer e uma rapariga sorridente em seus lábios rubros de «baton». São os cinéfilos. Uma fisionomia do grupo aviva-nos na memória uma scena amortecida, a que assistimos há





— Ai! Ai! Que desgraça! — bradou o sujeito baixo. Não percebeu o que lhe expliquei. Isso que a menina fez, tanto pode ser uma carantonha de pirraça, como uma dor num calo. Será tudo menos uma expressão de assombro. Que cara faz a menina quando vê uma coisa que se admira muito? Não é, decerto, essa careta...

A rapariga tinha cara de pessoa que já não se assombrava ante espectáculos estranhos. O homem do apito é que parecia assombrado daquela falta de vocação, e lamentava-se:

— É a décima vez que a faço repetir esta scena... Estou estafado!

E deixou-se cair sobre uma cadeira velha, fraca e oscilante do pobre e escasso mobiliário do salão... da duquesa.

Este súbito espectáculo a que assistimos, uma noite — já lá vão tantos anos! — no terceiro andar de um prédio da Trindade, era uma escola de cinematografia.

A fisionomia que, anos volvidos, há alguns dias apenas reconhecemos no café da Praça dos Restauradores, era a do sujeito baixo que soprava o apito de árbitro — o professor dessa modestíssima escola de cinema.

Aquele homem — que já não é positivamente um jovem — sempre moço, pelo ardor das suas convicções cinegráficas, pela persistência com que há tanto tempo vem perseguindo o belo sonho de fazer cinema em Portugal, tão bom como no estrangeiro, prossegue agora, ali naquele café buliçoso, a sua propaganda entusiástica. É um obreiro modesto e obscuro, daqueles obreiros, sem os quais não há ideal que triunfe, daqueles que a História persiste em esquecer, para só se lembrar dos que, espectaculosos e fátuos, arremessam ao ar os foguetes do seu valor e da sua fama.

Cercam-no, em regra, algumas insignificâncias sopradas de vaidade, bem penteadas e bem vestidas, sorrisos superiores, que alcançam nas revistas da especialidade fotografia recotada e entrevista farialhuda de adjectivos, que lhes permite pôsar para a posteridade. Ele, o obreiro modesto, barba por fazer, casaco coçado, raro logra a mercê de um adjectivo ou a gentileza de uma foto-

grafia, porque a sua barba é pouco fotogénica...

Uma vez por outra, toma parte na filmagem de uma dessas raras fitas que em Portugal se fazem com falta de tudo (capital, actores e encenadores), e abundância de um factor que hoje pouca falta faz ao grande cinema moderno — paisagem. Ele, o modesto artista, desempenha honestamente o seu papel, quasi sempre o mais ingrato, o menos brilhante. Mas que fervor ele põe no seu trabalho! Que isenção! Que enorme desejo de agradar à sua consciência, esquecendo o ruim gosto do público, do realizador, do capitalista e dos cinéfilos de café, em cujo meio vive, inocente como uma criança num lupanar, encerrado no seu grande sonho de arte!

Aquele rapariga de lábios rubros de «baton» é uma negação nata. Foi criada de servir — péssima cosinheira, diz-se, — foi pior corista e agora é atriz de cinema. Possui um palmito de cara e ouviu dizer que a mulher no cinema tem campo aberto a todas as ambições: vida luxuosa, amantes de preço e, às vezes, um príncipe carola que lhes oferece casamento. Que lhe interessa na arte de silêncio (que nos perdõem os filmes falados do «Chantecler» e o cinema sonoro de recente data)? Sim, que poderá interessar àquela cabeça ôca e àquela sensibilidade inerte? Os vestidos de Mary Pickford e as paixões de Pola Negri.

Ele, porém, o sincero amigo da arte, imagina-a uma futura «estréla», dessas que, ao alto de grandes cartazes afixados em todas as esquinas do mundo, fascinam a humanidade. O pobre iludido vê-a através da sua ilusão.

Abre-se o guarda-vento, de mansinho. Assoma um vulto que se detem à entrada, circunvagando um olhar lento e duro. Dirige-se depois compassadamente para o grupo de cinéfilos, brincando com a bengala. É um rapaz elegante, irrecusavelmente vestido.

Junto dos amigos tem um sorriso leve, protector, apenas enunciado pelo arquear das sobrancelhas. Estende a cada um dois dedos de favor, puxa, com largo gesto, uma cadeira

e senta-se num à vontade forçado, como se quisesse dizer para os circunstantes:

— Como vêem, eu sei assentar-me...

Pousa sobre a banca de mármore as luvas pretas, impecáveis, mete sob o braço o junco flexível, ergue as mãos, num gesto de prestidigitador, mostrando os punhos alvos, e bate palmas, palmas sonoras, compassadas, como se quisesse fazer notar:

— Como vêem, sei bater palmas...

Vem o criado. Ele apura a garganta, para que a voz saia límpida, e comanda:

— Traz-me um copo com água.

Vem a água. Ele bebe a goles pausados, mostrando os dentes que, através do líquido e do vidro, aumentam de volume, atingindo o respeitável tamanho de dentes de burro. Coloca com cuidado o copo vazio em cima da mesa, limpa os lábios ao lenço bem embrulhado e fica-se, um momento, muito sério, a olhar os outros, como se preguntasse ofendido:

— Então vocês não repararam que sei beber água como o Douglas Fairbanks?!

Desabotoa o casaco com lentidão e saca de uma cigareira prateada. Abre-a com elegância e mostra algumas raras cigarrilhas em cerimoniaosa oferta. Como ninguém deseja fumar, toma êle na ponta dos dedos, um pouco grosseiros, um cigarro brejeiro que entala nos lábios breves, fotogénicos. Recolhe a cigareira e puxa da fosforeira igualmente prateada, raspa um fósforo, sopra duas bafuradas, que segue de olhos fitos no teto, como se dissesse:

— Fumo melhor do que o Henrique de Albuquerque quando faz cinema...

Concede duas ou três frases sobre a U. F. A. e as últimas novidades de Hollywood, deprecia os olhos de gato de Joan Crawford, tudo num tom que significa apenas:

— Não sei se repararam que percebo muito de cinema.

E, como os ministros plenipotenciários, retira-se com o cerimonial do costume...

Quem é? O nome pouco importa. Era operário. Um dia, por um desses inexplicáveis acasos da fortuna, fez parte de um filme e revelou algumas qualidades. Deixou o officio, aperaltou-se, entrou de frequentar cafés. De longe em longe, cabe-lhe um papel num filme nacional. Passa longos meses de costa direita, sem ler um livro sério, sem estudar, sem curiosidades espirituais, vadiando elegantemente pela Baixa, mostrando-se, para que todos digam:

— Lá vai Fulano, que entrou no filme tal...

O ingénuo cinéfilo, que passa necessidades por amor à arte e não desdenha pegar na primeira rábula que lhe apareça em palco de província ou tablado de feira, olhando sempre os outros através do cristal deslumbrador do seu sonho, quando o vê, murmura com unção:

— Este rapaz tem muito talento.

MÁRIO DOMINGUES.

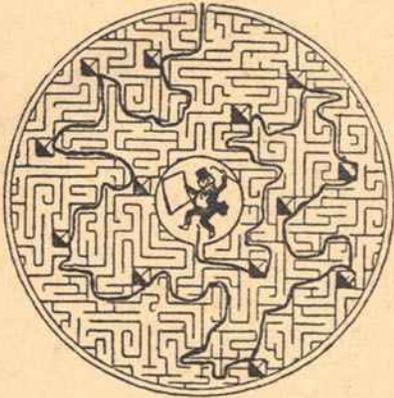




Passatempo

LABIRINTO

(Solução)



Eis o caminho seguido pelo sujeito, que está a pular de contente, na rotunda central do labirinto.

—

— Ouví dizer que o seu secretário fugiu, com cinquenta contos seus. Vai tentar rehavê-los?

— Não; hão de ser bem necessários ao pobre rapaz. Minha filha foi com êle.

—

Dois amigos entraram num restaurante e mandaram vir linguados fritos. O criado trouxe dois linguados, um grande e outro pequeno.

Um dos comensais serviu o peixe e deu ao amigo o mais pequeno.

Este recalcitou:—Para que fizeste isso?

—O que foi? Que aconteceu?

—É que se fôsse eu a servir o prato, teria dado o linguado maior.

—Então— torsou o outro— porque te queixas? Já cá o tenho.

—

— Quando viu vir o inimigo voltou para traz e desatou a correr. É o que se chama cobardia.

— Não é tal. Provavelmente lembrou-se que a terra é redonda e pensou ir de volta, atacar o inimigo pela retaguarda.

—

A ALTURA DA SITUAÇÃO

O marido (voltando da pesca e apresentando à mulher uma porção de peixes):— Que tal achas estas maravilhas?

A esposa:— Não queiras enganar-me. A nossa vizinha aqui do lado viu-te na peixaria.

O marido (sem se desconcertar):— Viu, sim, bem sei. Imagina que apanhei uma tal quantidade que fui ver se vendia alguns.

TOMANDO PRECAUÇÕES

— Mas que cousa esta! Vocemecê mexeu no barômetro? — exclamou a patrão zangada.

— Mexi, sim, minha senhora. Como hoje é o dia da minha saída, pu-lo em bom tempo, — respondeu a criada.

—

— Papá, porque é que Deus fez primeiro o Adão?

— Para lhe dar ocasião a dizer duas palavras.

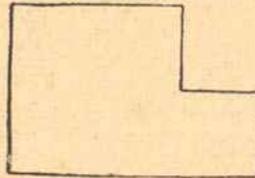
—

O QUADRADO

(Problema)

Em uma classe de geometria, o professor indo à pedra, traçou a figura junta, e disse aos alunos:

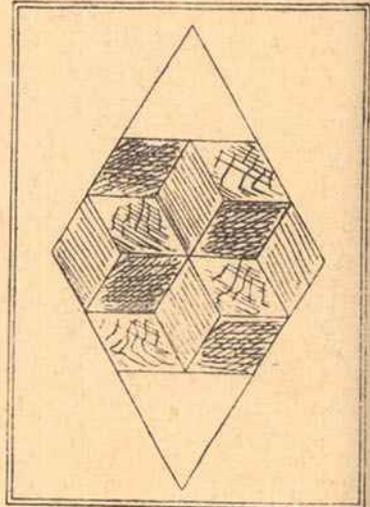
— Desejo que desta figura os senhores cortem dois pedaços e os coloquem de maneira que o conjunto forme um quadrado perfeito.



Darei um prêmio, a quem fôr o primeiro a resolver a questão.

Houve aluno que o fez em menos de cinco minutos.

ILUSÃO OPTICA



Olhando para este desenho, parece, à primeira vista, estar um cubo assente sobre outros dois; mas fechando os olhos, e tornando, depois, a olhar de novo, veem-se dois cubos sobre um.

—

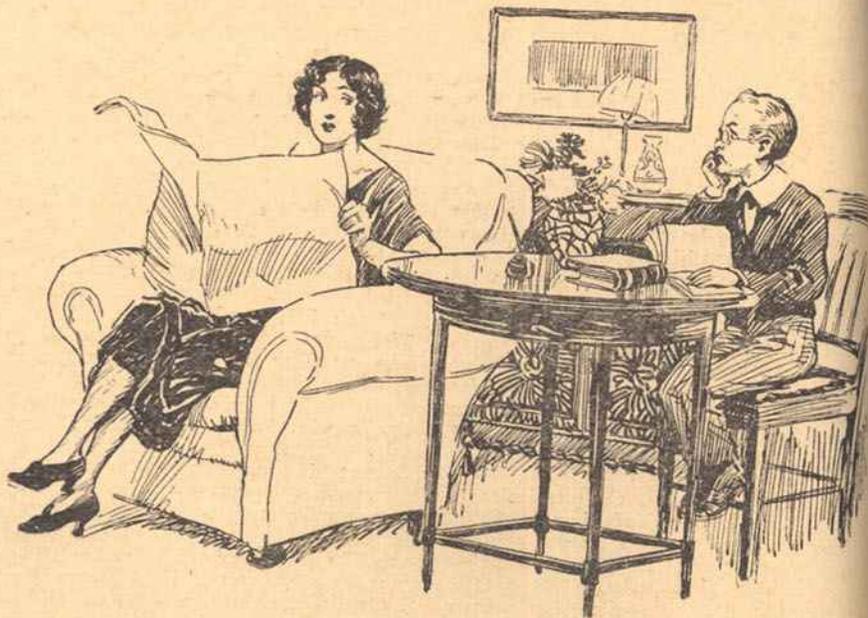
UMA BOA RAZÃO

A mãe:— Vamos lá, meu amor, tens de engulir o teu remédio.

— Não posso.

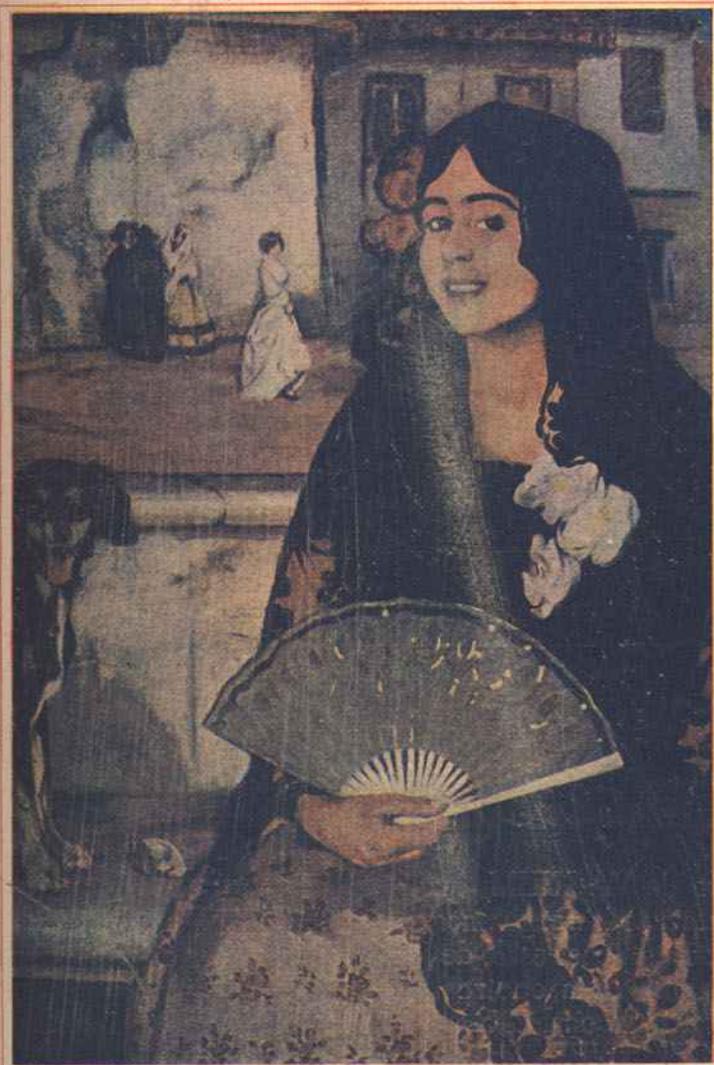
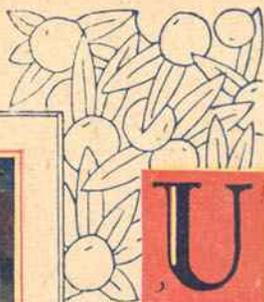
— Uma pessoa pode sempre quando quer.

— Mas se eu não quero!



QUESTÃO CIENTIFICA

O rabinho. — Mamã, diz aqui este livro que o respirar fundo destrói os micróbios. Mas como se pode conseguir que os micróbios respirem fundo?



U

MA coisa bela nunca
deixa de o ser.

E assim é que tôda a obra de arte perdura através de tempos, seja ela produto de gerações antigas ou modernas.

Isto não acontece sòmente nas obras de arte dos antigos, mas também nas criações requintadas do génio moderno que o futuro continuará a admirar.

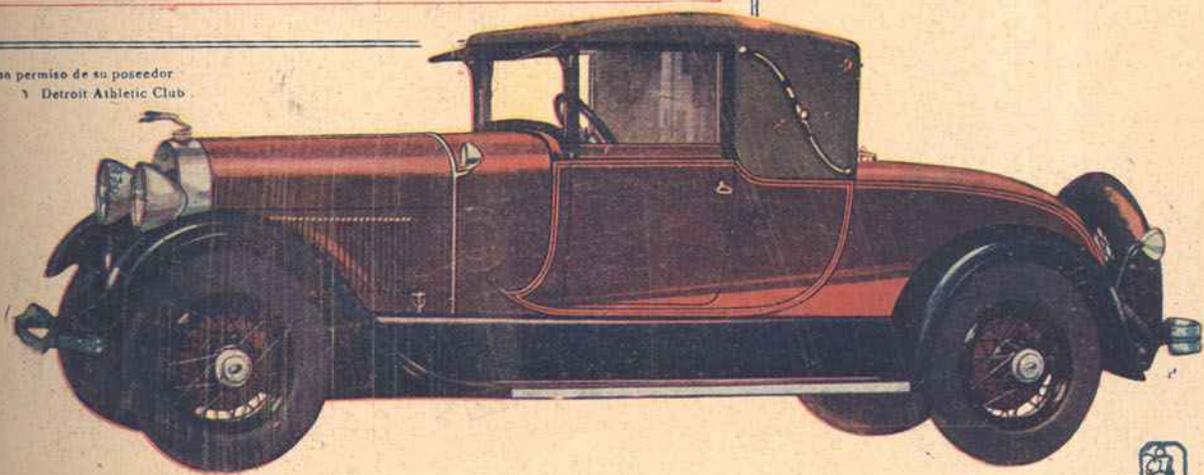
Há seis, oito e talvez dez anos que bastantes carros Lincoln estão trabalhando e nenhum dêles envelheceu nem passou de moda.

Desde o princípio o Lincoln foi apresentado com uma belesa de linhas, que nem o tempo nem o uso podem apagar.

Não é, porém, uma belesa estática, mas sim uma belesa que evoluciona movida por um espírito de constante melhoramento, tendendo para uma maior perfeição dêste automóvel, já grandemente perfeito.

LINCOLN

Com permiso de su poseedor
Detroit Athletic Club



AUTOMÓVEIS LINCOLN, AUTOMÓVEIS E CAMIONS FORD E TRACTORES FORDSON

Secção da Ford Motor Company — Avenida Icaria, 149 — Barcelona

CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura
da Primavera

Pequerruchos Constipados

Um Calorifero da VACUUM, que, além de oferecer toda a segurança, liga bem com qualquer estilo de mobília, e não deita cheiro quando funciona com Petróleo SUNFLOWER, faz sempre serviço útil ao aquecer o quarto em que os pequenitos tomam banho e se vestem.



PETROLEO SUNFLOWER